



CULTURA
Secretaria de Estado



Ofício nº 491/GS/SEC

Manaus, 16 de abril de 2009.

Ao Excelentíssimo Senhor
Dr. LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
SBN Quadra 2, Edifício Central Brasília - 6º andar
70040-904 Brasília – DF

IPHAN/PROTOC.SEDE
01450.006348/2009-11
23/4/2009



Senhor Presidente,

Ao cumprimentar Vossa Excelência, encaminho o dossiê solicitando a Instauração do Processo de Registro da Cultura do Boi Bumbá do município de Parintins-AM. Informo que o mesmo é composto das documentações abaixo especificadas:

1. Requerimento/abaixo-assinado com 1.016 assinaturas, solicitando a instauração do processo de registro da Cultura do Boi Bumbá do município de Parintins.
2. Justificativa do Pedido.
3. Denominação e Descrição do Bem.
4. Informações Históricas sobre o Bem: Histórico do Boi Bumbá Caprichoso, Histórico do Boi Bumbá Garantido, Histórico do Boi Bumbá Campineiro, Histórico do Boi Bumbá Mirim Tupi, Histórico do Boi Bumbá Mirim Estrelinha, Histórico do Boi Bumbá Mineirinho, Histórico do Boi Bumbá Mini Caprichoso e Histórico do Boi Bumbá Mini Garantido.
5. Referências documentais e bibliográficas disponíveis.
6. Documentação mínima disponível, adequada a natureza do Bem.
7. Anexos
 - 50 (cinquenta) folderes do Festival Folclórico de Parintins;
 - 02 (dois) Cd's do Boi Bumbá Garantido – 2006;
 - 03 (três) Cd's com fotos sendo: 02 do Festival Folclórico de Parintins e 01 do Boi Bumbá Garantido;
 - 01 (um) CD-ROM contendo dossiê com fotos e documentos do Mini-Festival folclórico dos bois Bumbás Garantido e Caprichoso;
 - 01 (um) CD-ROM do Festival Folclórico de Parintins "O Folclore da Floresta";
 - 01 (um) DVD do Festival Folclórico de Parintins 1996;
 - 01 (um) DVD do Festival Folclórico de Parintins 2003;

*A Guernica de
Registro,
para exame e
procedimentos
Em: 27/04/09
Diretora
DPI/IPHAN*

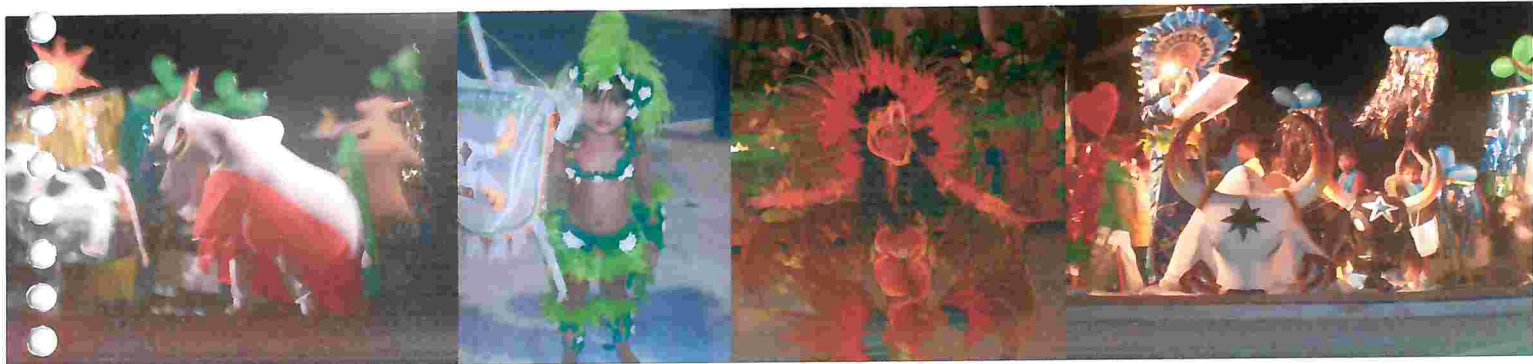
RECEBIDO
Em 24/04/09
As 15:39 hs
Nicolja
DPI / IPHAN

Atenciosamente,

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA
Secretário

Encaminhe-se à(o) **DPI**
Para conhecimento e adoção
das providências
Em: 23/04/09

Gustavo do Vale Fernandes
Técnico I
Gabinete da Presidência
Matr. 1559410



**SOLICITAÇÃO PARA INSTAURAÇÃO
DO PROCESSO DE REGISTRO DA
CULTURA DO BOI BUMBÁ DE
PARINTINS – AM**



SUMÁRIO

1. Requerimento/abaixo-assinado solicitando a instauração do processo de registro da Cultura do Boi Bumbá do município de Parintins
2. Justificativa do pedido
3. Denominação e descrição do Bem
4. Informações Históricas sobre o Bem
 - 4.1 Histórico do Boi Bumbá Caprichoso
 - 4.2 Histórico do Boi Bumbá Garantido
 - 4.3 Histórico do Boi Bumbá Campineiro
 - 4.4 Histórico do Boi Bumbá Mirim Tupi
 - 4.5 Histórico do Boi Bumbá Mirim Estrelinha
 - 4.6 Histórico do Boi Bumbá Mirim Mineirinho
 - 4.7 Histórico do Boi Bumbá Mini Caprichoso
 - 4.8 Histórico do Boi Bumbá Mini Garantido
5. Referências documentais e bibliográficas disponíveis.
6. Documentação mínima disponível, adequada à natureza do bem, tais como Cd's com fotografias e gravações sonoras, folderes e vídeo.

Justificativa do pedido

Poucas manifestações ou formas de expressão no estado do Amazonas são mais representativas, posto que símbolo, referência de identidade, que a cultura do boi bumbá de Parintins.

Em qualquer lugar do Brasil que se conheça um amazonense as referências, a memória do espaço, que ele buscará quando lhe perguntarem de sua terra natal será inevitavelmente duas: a imensa Floresta Amazônica e os bois de Parintins.

Na mais famosa manifestação popular do auto do boi no país o povo amazonense se reconhece, se ufana de ser nativo de um território isolado pela floresta e acarinhado pelas longas trilhas de rio. Para as brincadeiras dos bois, exemplarmente nos meses de junho e julho (meses “joaninos” como dizem seus velhos) confluem as atenções, não só dos cidadãos parintinenses, mas de todo o Estado do Amazonas, ansiosos por verem reescritas, recontadas suas lendas, seus mitos de origem, suas cores, sabores e sons.

Essa manifestação, tida como espetáculo (e que dessa forma vive a escandalizar os mais puristas) é, sobretudo, uma forma de expressão, a releitura não somente da mais expressiva dança dramática do país, como também do rico imaginário amazônico. Marca contundentemente a simbiose entre as representações identitárias – os contrastes do quem somos nós, de quem são os outros e de como são produzidas essas alteridades – e as formas como uma comunidade específica no interior do Estado do Amazonas (e quiçá grande parte das outras também) tem conjugado a dinamização de sua cultura no tempo e espaço no freqüente diálogo entre seus temas mais caros, rústicos e tradicionais a metáforas, re-significações de um mundo contraditório, globalizante em sua modernidade.

Esse novo nativismo (Cavalcanti, 2000) que incorpora tanto o tradicional como o moderno – inaugurando por um movimento cultural que fala sobre essa identidade cabocla em tempos de internet, não mais caracterizada pelo relativo isolamento, pela placidez dos seus caminhos, mas pelo diálogo constante com um mundo em constantes mutações – fala de um caboclo que precisa re-significar seu lugar no mundo, de produzir atualizações de sua identidade em novas alteridades.

O espetáculo representado pelas diversas manifestações da cultura do boi bumbá na cidade fala muito, entre outras coisas, da marcação, de um sinal dessa identidade reafirmado e ativado frequentemente.

A cultura dos bois de Parintins, antes de ser um espetáculo é um grito de um recanto outrora esquecido desse país, que pretende se fazer ouvir, de se fazer belo, de ser visto.

Como dizem os seus nativos, Parintins vive de sua cultura. Os seus quase 100.000 habitantes carecem dos altos níveis de desemprego. Mesmo as produções pecuárias e bubalinas não são suficientes para garantir a renda de grande parte da população. Os empregos formais concentram-se em sua maior parte nos cargos públicos estaduais e municipais e entre a população com maior escolaridade.

Como Maria Laura Viveiros de Castro acompanhou em uma das entrevistas que fez na cidade, a cultura dos bois é elemento não só importante da articulação da identidade local e de benefícios políticos como também na geração de renda da população do município. “O ruim de Parintins é que não tem emprego para todo mundo, porém a cidade sabe inventar brincadeiras. Por isso o povo de fora vem para ver” (Cavalcanti, 2000).

Nesse contexto, as associações folclóricas (organizadas em pessoas jurídicas desde a década de 80) empregam em seus barracões centenas de artistas, entre desenhistas, músicos, soldados, coreógrafos, etc.

Algumas articulações produzidas pelo esforço dos artistas que o produzem são o mecenato cultural do MinC, o patrocínio da Coca-Cola, o investimento do Governo do Estado, a venda do direito televisivo de arena, a venda de ingressos e a comercialização da marca dos dois bois mais famosos – Garantido e Caprichoso – destinam-se quase que exclusivamente a elaboração do Festival no Bumbódromo (a arena de apresentação dos bois), enquanto parte de seus artistas menos conhecidos sofrem com a falta ou atraso de seus pagamentos.

“Ficamos tristes sem receber o nosso direito, mas não conseguimos deixar de estar ao lado do nosso boi” – depoimento fácil na boca daqueles cidadãos mais humildes que participam da elaboração da grandiosa festa de Parintins.

Fazem por estar comprometido nessa prática o “ser” parintinense – artista, poeta ou brincante de boi. A tradição antes da recompensa material. Ficar de fora da brincadeira de boi é, para muitos parintinenses, invisibilizar-se, negar-se a participar da

coletividade marcada pelo momento do ritual. E negar-se a própria pertença ao seu grupo de origem, sua gente.

Os artistas de Parintins são um fenômeno de exportação. A cada alegoria no carnaval carioca ou eventos como os Jogos Pan-americanos que tenha a marca Parintins, se faz em todo o Estado exclamações de orgulho.

Fora do município a influencia dessa cultura se faz sentir. Eventos que atraem milhares de pessoas como o Boi Manaus, anualmente em outubro quando a ilha de Tupinambarana ou Parintins, atraca com todos os seus artistas na capital do estado; ou Carnaboi, um carnaval dançado em toadas, e ainda os diversos festivais no interior onde se reproduz expressões do boi com nítidas influencias estéticas e musicais da cultura de Parintins.

É inegável que em um canto isolado do Estado do Amazonas, esquecido de grande parte das políticas oficiais por pelo menos dois séculos e meio, tenha surgido uma manifestação com capacidade de articular o amazonense em torno de uma identidade local, amazônica, que inclui em si um dizer-se filho de índios e caboclos, de nordestinos e negros, identidade construída sob referências nitidamente regionais e orgulhosamente atuais.

Parintins tem feito nos últimos vinte anos o Amazonas cantar suas lendas e ambiente, reconstruir seus mitos de origem, pensar-se tradicional e moderno, indígena e urbano. Em final de junho, essa população amazônica reunida em Parintins canta suas origens (mesmo que inventadas) e seu corpo com orgulho.

Ainda se faz necessária uma restituição histórica da contribuição amazônica na produção da identidade nacional. Uma Amazônia que dorme nos braços de suas nações indígenas, mas que também quer ser valorizada por aquilo que produziu no cadinho cultural de suas cidades. Uma Amazônia que é indígena, mas que também é portuguesa, nordestina e negra. Que se moderniza, que se pensa com um pé na tradição e outro na modernidade.

A cultura dos bois em Parintins resume isso, a tradição e a modernidade lado a lado nas apresentações de seus diversos bois – sejam mirins, em miniaturas ou espetaculares.

Talvez seja por isso que o Amazonas se veja tão identificado a eles. Por falarem de uma nova Amazônia, de uma identidade em constante mudança, que soube se atualizar sem perder suas referências mais caras, de um povo que construiu novas formas de se ver e principalmente de ser visto. De se dizer que se é sem precisar

recorrer a visão romantizada dos naturalistas que perdura até hoje quando se fala no ambiente físico e cultural em que se vive por essas terras.

O registro da cultura do boi bumbá de Parintins serviria principalmente a dois fatores – tanto restituir à diversidade cultural do país a contribuição mais expressiva dessa renovada identidade amazônica quanto de reconhecer a participação do Amazonas na construção da face desse novo Brasil.

Além disso, cabe salientar que inúmeras manifestações da cultura do boi bumbá de Parintins (menos espetaculares, mas não menores em importância), correm o risco de desaparecerem, seja por falta de investimentos, seja pelo envelhecimento de seus mestres.

Expressões localizadas como o boi de caixa, o boi de rua e o boi de bombom estão fadadas ao esquecimento em função das dificuldades enfrentadas por seus mestres em sua reprodução. Enquanto Garantido e Caprichoso capitaneiam a maior parte dos recursos e da atenção de agentes externos e mesmo das municipalidades, essas outras manifestações do boi sofrem há anos com a falta de recursos (econômicos e políticos) para de novo, brincarem de boi (numa expressão muito utilizada em Parintins); ainda que seja nessas manifestações que os parintinenses reconheçam a tradição de seu auto.

Os
Objetivos
do projeto
de Registro

Descrição e Denominação do Bem Proposto

Msc. Cristian Pio Ávila

Antropólogo – SEC/AM

A cultura do boi bumba de Parintins pode ser reconhecida como um complexo cultural que envolve diversas expressões artísticas em torno do auto do boi, espécie de drama popular que versa sobre o sacrifício e ressurreição do animal.

O epicentro geográfico da manifestação é a ilha de Tupinambarana, maior ilha fluvial do estado do Amazonas (7.069 km²) e mais especificamente o município de Parintins. Situada na região conhecida como Baixo Amazonas, fica a margem direita do Rio Amazonas, entre o Madeira e o Paraná dos Ramos. Em termos de relevo, podemos dizer que a ilha parece um imenso território recortados por outras pequenas ilhas.

Segundo o IBGE, Parintins conta em 2007 com uma população de 102.044 habitantes. Suas principais atividades econômicas são a pecuária, a agricultura o artesanato e o turismo.

O período de maior intensidade na apresentação dos autos é aquele reconhecido como junino, ou seja, do ciclo de festas de santos que começa em início de junho com as comemorações dos dias de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal e se estende, por vezes, até meados de julho, embora os trabalhos de elaboração dos diversos elementos envolvidos na manifestação comecem já em novembro do ano anterior, em alguns casos. Como dizem na ilha: “Se termina uma apresentação já pensando na do ano que vem”.

Nas várias comunidades de Tupinambarana são apresentadas diversas variações do auto do boi, dentre elas se destacam:

- Bois Mirim – produzidos predominantemente nas escolas estaduais e municipais de Parintins. Envolvem pais, professores e alunos do ensino fundamental. As crianças assumem os mais diversos papéis na representação do auto – apresentadores, amos, batucada, entre outros. Os mais conhecidos são o Campineiro, Estrelinha e Teimosinho.

- Bois em Miniatura – logo após os festejos do Festival Folclórico de Parintins, ocupam a arena os bois em miniatura, que são uma versão dos bois Caprichoso e



Garantido todos produzidos em marionetes. Espetáculo onde as miniaturas encenam o auto com impressionante riqueza de detalhes e movimentos.

- Bois de Caixa – são os tradicionais bois de rua. Esses bois ainda utilizam os instrumentos musicais tradicionais do auto: matracas, palmas e caixas.

- “Bois de Criança” – bois de rua produzidos exclusivamente por crianças em diversas comunidades do interior de Parintins. Entre eles se destacam o “Kibonzinho”, boi todo feito de bombons, que durante o ritual de matança do auto é devorado pela garotada.

- Bois-Bumbá – são os famosos bois-bumbá Garantido e Caprichoso que fecham as três últimas noites do Festival Folclórico de Parintins (último final de semana do mês de junho) com suas apresentações.

Contra a tendência geral de colocar o boi bumba do Amazonas como descendente das expressões nordestinas do boi, podemos sugerir que o auto do boi no Amazonas, entretanto, tem sua “origem” nas variáveis jesuíticas do teatro com fortes, do ato sacrificial de adoração do touro, presente em inúmeras culturas européias, em particular em Portugal e Espanha.

Segundo Mario Ypiranga, “a tauromaquia fora sempre uma das presenças olímpicas dos circos primitivos, levada para Roma e dali para a Europa setentrional, França, Espanha, Portugal e até mesmo para o Amazonas”(2004:50). Nesse sentido, é válido citar também as bufonarias, o teatro de rua, as operetas, bem como a forte influência dos ritos de mascarados indígenas e a introdução de seus tambores.

Encontra-se referência ao boi bumba no Amazonas desde o século XVIII, sob o nome de Boi de São Marcos no município de Barcelos (próximo a Parintins), mais especificamente, no ano de 1787. É uma circular dirigida às autoridades com finalidade de orientá-las para as cerimônias de Corpus Christi, que deveria se realizar no mesmo estilo das matrizes de Lisboa, Porto, etc:

“Da competencia do illmo s. presidente da Câmera de dezanove de abril do na.vrio, de Nostro sr.Jseu Christo de 1787 que ficam desde já de subravisos os ills. Ss. Pároco Joseph de Villares, ó meirin Gustaf Sobral o procu.dor. De câmera Antonio Salustiano Salcedo Cabarl E demas gente de officios tanueiro, maçãõ ferreiro pescador Caboquero serador y përa que requer ss.Exas. Përa compor a proscição de Corpus Christu, que é um bem apeçoado san Gorge de ginete armado e dumonho um boy de s.marques mais sua dansa de tourina e rondade jocquins e pegu.ros alaudos, viola,

continua desde
história.

insinia uma mão devergas pera des figura de marítimos, uma alegre dansa de salloyos com sanfonha panderete uma charola de parada com sua allegoria da coroa de s.m. balcão rialeq são obrgdos.(...)" (Ypiranga, 2004:154-5)

Mais a frente, o mesmo documento indica o itinerário a ser percorrido pela procissão-folguedo, que atravessaria as ruas centrais de Barcelos terminando na Igreja Matriz ao fim da tarde e com luminárias e festas a noite.

Dessa forma, demonstra-se que a expressão do boi bumba tem mais de 200 anos na região, sendo introduzida pelos colonos portugueses e indígenas que dividiam a fundação dessas aldeias em vilas, segundo determinavam os alvarás reais de D. José I. Porém, nas várias descrições dos viajantes sobre os bumbas, é sempre apontada a participação maciça de “negros” e “mamelucos” nos cortejos.

Em 1859, temos através do explorador Robert Avé-Lallemant, uma rica descrição da prática do boi bumba pelas ruas de Manaus, enquanto em 1883, temos na fronteira do Pará com o Amazonas (região próxima a Parintins) o relato do turista português Davi O. Sanches de Frias. Em 1914, o célebre escritor português José Maria Ferreira de Castro, faz menção do boi bumba, descrevendo já as tradicionais figuras que até hoje se mantêm em suas apresentações: os tuxauas, Catirina, Pai Francisco, as matracas e outros instrumentos musicais. (Ypiranga, op.cit.:111-31).

Como seria natural dentro daquilo que consideramos como um complexo cultural existe inúmeras variações, principalmente na forma, da manifestação do boi bumba em Parintins. Alguns elementos, entretanto, são constantes, mesmo que sua participação no auto sejam mais ou menos centrais, como é o caso dos já citados Pai Francisco e Catirina.

Outros elementos, tipicamente amazônicos, são introduzidos em determinado momento histórico e depois abandonados no auto, é o caso do bicho folharal, jurupari (seres mitológicos amazônicos), ou do feitor, fiscais, chefe dos vaqueiros, representando figuras políticas de mediano destaque social. Essa ida e vinda de elementos, a introdução e o desaparecimento deles, mostra o quão dinâmica é a cultura do boi bumbá de Parintins.

O auto do boi, em Parintins, pode surgir ora como protagonista, ora apenas como pano de fundo da apresentação. Enquanto bois “menores” como *Kibonzinho* e *bois de caixa* se mantêm em parte fiéis ao auto, as suas encenações e dramas, *Caprichoso* e *Garantido*, sejam os bumbas, sejam os bois em miniatura, utilizam o auto apenas como

um pano de fundo muito sutil onde se descortinam as mais variadas formas de representação do imaginário amazônico, através da re-significação das lendas e mitos dos povos indígenas e dos ribeirinhos.

A narrativa “original” trata-se, como dito anteriormente, da morte e ressurreição do boi. *Catirina*, uma escrava gestante tem desejo de comer a língua do boi. Pai Francisco, um preto velho, a fim de consumir o desejo de sua esposa, mata o boi preferido do dono da fazenda, o *Amo do Boi*. Assustado com o ocorrido, *Pai Francisco* foge para o mato para não sofrer os conseqüentes castigos infringidos pela raiva do dono da fazenda.

Entretanto, um dos vaqueiros o denuncia para o *Amo*, que revoltado resolve ir a sua caça. Para perseguir *Pai Francisco*, o *Amo* chama os *índios guerreiros* e seu *Tuchaua*. Porém, antes da perseguição os índios são batizados pelo *padre* de confiança do *Amo*. Os *índios* prendem *Pai Francisco* e o carregam até o *Amo* que exige seu boi de volta. Os pedidos de *Pai Francisco* para não ser castigado de nada adiantam, até que o *Amo* resolve ir pedir ajuda ao *pajé* da tribo para curar o *boi*. O *pajé* ensina que é possível curar o *boi* através de um processo de consiste em dar um espirro em seu rabo. *Pai Francisco* ao fazer o que foi ensinado pelo *pajé*, cura o *boi* que se levanta para alegria e festa geral de todos os envolvidos. (Braga, 2002: 27-8).

O auto, em suma, se resume a esse pequeno e conciso drama. Drama recontado e recriado diversas vezes. Drama que se reveste de variados formatos – seja pelo canto, pela representação, pela alegoria, pela indumentária, ou na reunião de todos esses elementos.

Há atualmente, o que parece, uma influência bastante grande dos bois Caprichoso e Garantido sobre as outras manifestações do boi em Parintins. Algumas causas são possíveis de serem apontadas: o sucesso de divulgação dos bois de “arena” a nível nacional e mesmo internacional, o grande número de pessoas naturais de Parintins e de outros municípios do interior que se envolvem na confecção da Festa de Garantido e Caprichoso, as escolinhas de base mantida por esses dois bois e o forte sentimento de identidade local reservado na pertença a um desses dois grupos folclóricos.

Dessa forma, a estrutura hoje construída pela apresentação dos bumbas Garantido e Caprichoso tem sido difundida a outros grupos também, por exemplo, como entre os bois mirins e os bois em miniatura.

A exceção dos outros grupos folclóricos, que se apresentam na maior parte das vezes sem data definida ao longo dos meses de junho e julho, os bumbas Caprichoso e

narrativa do
auto do boi

Garantido se apresentam “oficialmente¹” no último final de semana de junho no Bumbódromo, espécie de arena construída especialmente para essas ocasiões.

As apresentações desenrolam-se por três dias (sexta, sábado e domingo), cada noite apresentando uma narrativa, uma representação diferente. Na verdade, cada boi realiza três apresentações, cada uma com aproximadamente duas horas e trinta minutos de duração.

Cada boi mobiliza em torno de quatro mil participantes, indivíduos não só de Parintins, mas de outros municípios do Amazonas e de outros Estados do país. Esses participantes dividem-se entre dezenove itens², a tratar:

- 1) Apresentador: encarregado de narrar em detalhes os diferentes aspectos da apresentação do boi na arena;
- 2) Levantador de Toadas: cantor das toadas de boi;
- 3) Batucada: conjunto dos instrumentos de percussão (corresponde a bateria das escolas de samba)
- 4) Ritual: representação de uma narrativa mítico-religiosa, geralmente de confronto entre as forças do bem com as do mal, no caso, do pajé contra figuras “demoníacas” como o Mapinguarí, ou tribos canibais (por exemplo). Geralmente é o encerramento das apresentações.
- 5) Porta Estandarte – mulher que traz consigo o estandarte com os símbolos do grupo folclórico e o tema escolhido para o ano pelos bois.
- 6) Amo do Boi – É do dono da fazenda e do boi. Responsável por tirar as saudações a Galera e as provocações ao adversário em forma de repentes.
- 7) Sinhazinha da Fazenda: sem estar presente no auto original, acaba por incorporar-se nas recentes apresentações. É a filha virginal do dono da fazenda, vestida com rendas e saias rodadas. Representa o amor e carinho pelo boi.
- 8) Rainha do Folclore: presta homenagem ao folclore amazônico.
- 9) Cunhã-Poranga: é a mais bela “índia” do boi, representa a beleza da mulher amazônica. Geralmente dança semi-nua, ornada com belas indumentárias em penas de aves.

¹ Oficialmente, posto que é o período do Festival, onde um concorre contra o outro. Embora, realizem diversas apresentações em todo o Estado do Amazonas, durante o ano todo.

² Aqui tratamos não especificamente dos itens postos em julgamento, mas dos itens narrativos das apresentações: entre personagens, cenários e narrativas.

- 10) Boi-Bumbá- é o próprio boi, que entra na arena disposto a realizar a melhor evolução, ou seja, executar os melhores movimentos. Esse item fica a cargo da experiência do chamado *tripa do boi*, aquele que vai dentro da carcaça do boi.
- 11) Pai Francisco: negro escravo, responsável pela morte do boi.
- 12) Catirina: esposa de Pai Francisco, grávida pede a língua do boi.
- 13) Cazumbá: filho endiabrado de Pai Francisco e Catirina. (os três itens acima são figuras cômicas, fazendo palhaçadas na arena durante o desenvolvimento da apresentação).
- 14) Música e Letra: Composições musicais que dão a tônica das apresentações. Começam a serem produzidas já em outubro, a partir do concurso de toadas promovido pelos bois. As músicas vencedoras passam para o estúdio onde são gravadas. Dessa forma, se garante que antes das apresentações, grandes partes dos espectadores já conheçam as toadas, podendo as entoar juntos aos levantadores no bumbódromo.
- 15) Pajé: curandeiro ou líder religioso indígena. Tem importante papel no ritual.
- 16) Tribos indígenas masculinas: coreógrafos vestidos em indumentária indígena que representam as diversas etnias amazônicas. Cada ala faz alusão a um grupo indígena determinada, grupos esses a quem geralmente recorrem à mitologia representada no bumbódromo.
- 17) Tribos Indígenas femininas: mesmo papel do item anterior, agora com mulheres com indumentárias indígenas.
- 18) Tuxauas: representam os chefes políticos indígenas. Chegam em gigantescas indumentárias, que por vezes alcançam os 5m. de diâmetro.
- 19) Figuras típicas regionais: figurantes que representam grupos sociais amazônicos e seu cotidiano. Aqui se prestam homenagens aos grupos caboclos e ribeirinhos, suas técnicas, saberes, culinária, vestimenta, etc.
- 20) Alegorias: grandes estruturas de ferragem e adereços representando cenas das narrativas das apresentações. Em sua grande maioria, ganham movimentos por meio de um intrincado sistema de cabos e roldanas, que os artistas de Parintins têm exportado para diversas

manifestações, inclusive o carnaval do Rio de Janeiro. Começam a ser produzidas tão logo as Comissões de Arte tenham definido os temas a serem abordados nas apresentações. A primeira fase de sua confecção é o desenho, produzido por artistas plásticos parintinenses. Em seguida, diversos profissionais e artistas passam a montagem das alegorias: estruturas de ferro, moldagem de isopor, pintura e acabamento com diversos materiais (inclusive recicláveis) como plástico, madeira, esponja, brilhos, entre outros.

- 21) Vaqueirada: conjunto de figurantes que passam montados em “burrinhas” alegóricas empunhando lanças nas mãos. Guarnecem o boi durante sua evolução na arena.
- 22) Galera: é a torcida dos bois. Item importante na apresentação, posto que suas coreografias e cantos são partes inerentes da beleza do Festival.

Um a um, esses itens vão tomando seus espaços na arena até a apoteose final com a vitória do bem sobre o mal no Ritual e conseqüente ressurreição do boi. Segundo declaração captada por Braga (2002: 36): “na apoteose do boi, quando tribos, alegorias e personagens passam a ser uma unidade, onde cada um deixa de ser um para ser todos, é a união, onde a harmonia faz o conjunto folclórico.”.

A apresentação dos bumbás no Bumbódromo (construído em 1988) tem início com a entrada do Apresentador que imediatamente se dirige a Galera, que responde em altos brados de euforia. Está na hora de seu bumba se apresentar.

A cada entrada de diferentes itens, ou cada mudança dramática, é o apresentador quem narra à platéia a viagem sobre o mundo amazônico maravilhoso dos bumbás.

Talvez, um dos momentos mais marcantes da apresentação seja o do silêncio que precede a entrada da Batucada (no Garantido) ou Marujada (no Caprichoso). Faz-se um silêncio mortal no Bumbódromo, interrompido com os fortes baques dos tambores. Um baque tão alto que “retumba no peito” de quem assiste.

Dizem os parintinenses que se você é turista e não se decidiu qual será o seu “boi de coração”, é a entrada das batucadas na “arena de guerra dos bois”

que, imediatamente, o fará decidir. *Aquela que mais lhe “arrepia”, já lhe ganhou!*

A partir daí o cenário começa a se delinear. Entram em seguida os Levantadores de Toada cantando acompanhados por todo um lado do bumbódromo (posto que o lado contrário, enquanto da apresentação de seu oponente, fica completamente emudecido).

Do Levantador se passa ao Amo do Boi que entra lançando versos de desafio ao boi contrário. Fazem parte do universo desses versos desde provocações pessoais entre os Amos, até críticas a itens específicos do adversário ou problemas cotidianos de administração dos bois.

Lembramos do ano de 2007, quando um dos Amos, chamou de “idosa” a Sinhazinha da Fazenda do boi adversário, causando um tremendo espanto de um lado da arena e muitos risos e frenesi do outro.

A partir da entrada desses itens centrais, passam a desfilar na arena seqüências narrativas marcadas pela entrada das gigantescas alegorias, onde cada uma conta uma determinada história, cercada por suas centenas de figurantes. É geralmente de dentro de uma dessas alegorias, a cada ano através de uma surpresa diferente que surge o boi, propriamente dito, para brincar com os espectadores.

Segundo a descrição de Braga:

“O momento mais esperado pela Galera é o da evolução do boi. Ele aparece sempre de surpresa, em meio a uma alegoria construída exclusivamente para a apresentação do boi ou na estrutura artística de uma Lenda amazônica, figura típica regional ou ritual. Quando o boi aparece, a Galera delira, ovaciona o seu ídolo maior, vai às raias da loucura, o que é considerado perfeitamente normal no Festival de Parintins. E o bozinho não deixa por menos, diante de tanta paixão da Galera. Ele dança, não esquece de dançar para os jurados, finge comer capim e sal oferecidos pela mão da Sinhazinha da Fazenda, faz mesuras, urra, sugere a todos com singular simpatia e beleza que ele também é gente.” (2002:42)

Algumas vezes o boi pode vir voando nas asas de uma imensa garça, projetado a 10 metros de altura ou aparecer dentro de um coração vermelho que explode em fogos de fulgurante vermelho.

Acompanhando as evoluções do boi estão as vaqueiradas, com garbosos caboclos montados em pequenas e coloridas burrinhas, que saltitam ladeadas por belíssimas lanças-estandartes carregadas de fitas multicoloridas.

Ocupando quase o espaço total da arena dançam as tribos, vestidos de delicadas fantasias confeccionadas com matérias primas regionais. O passo tem quase sempre por base o famoso dois pra lá –dois pra cá (dois passos laterais para a esquerda, dois passos laterais para a direita, com ampla movimentação dos braços) sujeito a pequenas variações. Cada uma das tribos homenageia ou conta uma história de alguma etnia indígena específica da Amazônia.

Não raro encontramos indígenas no Bumbódromo, se divertindo nas arquibancadas diante a festa de seus mitos re-significados.

A música que acompanha a evolução do boi é chamada de “toada”, seja no Festival Folclórico (onde se apresentam Garantido e Caprichoso), seja na rua, a volta dos bois de caixa e mirins. O tema das toadas orbita sobre temas da vida regional – a vida do caboclo, do índio, a floresta, os rios, os animais, a mitologia local, homenagens a figuras históricas dos bois ou a seus itens.

Como já dissemos acima, não há uma estrutura rígida na apresentação dos bois, principalmente entre aqueles que se apresentam no Bumbódromo. Segundo Braga:

“(…) a apresentação não tem uma seqüência fixa, sendo apenas orientada espacialmente pelas alegorias, localizadas no centro da arena, e cuja estrutura artística prevalece na evolução e organização espacial dos figurantes do bumba, ao compor diferentes cenários para as apresentações de lendas, figuras mitológicas e encenação do Ritual”. (2002:41)

Em relação aos bois de rua, podemos dizer que a sequência temporal da apresentação é um misto, tanto do ritual de matança e ressurreição do boi, como também (por influência dos bois “maiores” – Garantido e Caprichoso) pela sucessão da apresentação dos itens individuais – amo do boi, levantador de toada, cunhã-poranga, rainha do folclore, sinhazinha da fazenda, pajé, etc...

Parintins vive os seus bois quase o ano inteiro. Excetuando os dois meses posteriores ao Festival, que servem para “arrumar a casa” – pagar os artistas, organizar

as comissões, limpar os barracões – o resto do ano é de trabalho em torno da festa maior do Amazonas: compondo toadas, pesquisando temas, ensaiando as danças, desenhando e esculpindo as alegorias e produzindo souvenirs para a comercialização. Além disso, os artistas dos bois participam da criação e confecção de outras expressões locais como Pastorinhas e Festa de Nossa Senhora do Carmo, as influenciando através de suas mãos e mentes.

Dessa forma, concluímos que uma descrição cuidadosa da cultura do boi bumba de Parintins não deve restringir-se aos momentos que antecedem os festivais, ou o ciclo junino, mas como produto de uma observação cuidadosa entre os diversos grupos que compõem essa manifestação cultural durante o ano todo.

Sobre o valor cultural do Bumbá de Parintins/Amazonas

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti *

O Boi-bumbá de Parintins/Amazonas é um desenvolvimento ímpar e espetacular dos folguedos do boi existentes no país. Esses folguedos remontam ao processo histórico de conformação da cultura popular no Brasil e as pesquisas contemporâneas indicam o desenvolvimento simultâneo de diferentes formas da brincadeira, em especial no norte e nordeste, já nos primórdios do século 19.

No Boi-Bumbá de Parintins, a organização do festival em torno da rivalidade dos dois grupos de brincantes produziu - na forma de alegorias, temas, fantasias, danças e toadas - grande beleza e sofisticação artísticas. Reafirmando anualmente seu valor cultural profundo, a festa tem forte presença na sociedade regional e vem ganhando a atenção nacional e internacional.

Assumindo como símbolos da identidade regional a moderna bandeira ecológica e indianista, a defesa da mata amazônica, a memória e a história dos grupos indígenas regionais e das populações ribeirinhas, o Bumbá de Parintins agregou em seu entorno um vasto complexo sócio-cultural. O festival é festa cabocla a erguer-se no cenário da cultura popular contemporânea com surpreendente força e beleza.

Textos da autora sobre o tema disponíveis em www.lauracavalcanti.com.br :

"Brincando de Boi: o ritual dos bois-bumbá de Parintins". Revista *Ciência Hoje*, vol 40: 18-23., agosto de 2007. CNPq/ SBPC.

"Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi". *Mana. Estudos de Antropologia Social*. 12(1): 69-104, 2006.

"The Amazonian Ox Dance Festival: An Anthropological Account". *Cultural Analysis* 2001, 2: 69-105. The University of California. 2001

"O Boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa." *História, Ciência e Saúde*. Manguinhos, vol. VI (suplemento), pp. 1019 - 1046. Rio de Janeiro: FioCruz, 2000.

** Antropóloga, Profa. Dra. do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.*



**ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA
BOI BUMBÁ CAPRICHOSO**

SÍNTESE HISTÓRICA DO BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso
Rua Gomes de Castro nº. 685 – Centro. CEP 69.151-090 – CNPJ. 04.276.523/0001 – 16
E – mail: www.boicaprichoso@yahoo.com.br



**ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA
BOI BUMBÁ CAPRICHOSO**

**"SE ACHAM QUE VIVEMOS DE
SONHOS
LEMBREM-SE QUE FOI
EXATAMENTE O QUE
ACONTECEU EM
1966
COM O 1º FESTIVAL
FOLCLÓRICO DE PARINTINS"**

**PARINTINS – AM
AGOSTO / 2007**



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

HISTÓRICO DO BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Apresentamos uma síntese da história do Caprichoso, evocando suas origens e valores culturais, étnicos e religiosos que compuseram o passado, refletindo no presente o arrojo, a ousadia, a dedicação de homens rudes, mas determinados, que o construíram, deixando gravado nas entranhas do parintinense a disciplina de suas forças que como estrelas metálicas feriam os que tentavam impedir o ideal de construir um brinquedo de pano sob as bênçãos dos santos: Antônio, João, Pedro e Marçal.

CRIAÇÃO DO CAPRICHOSO

A procura vertiginosa do **ouro negro** (borracha) atraiu um cem números de nordestinos para a Amazônia, tangidos pela situação econômica e social e pela crise da economia agrária.

1910 - Irmãos Cid, naturais de Crato – Ceará, em número de três – Roque Cid, Antônio Cid e Pedro Cid, que influenciados pela propaganda da borracha, rumam para a Amazônia.

Não imaginavam que a economia gomífera encontrava-se em declínio, o que os deixou sem perspectiva. Eram homens admiráveis, corajosos, íntegros, pândegos e de forte caráter moral.

O mais velho, Pedro Cid, resolve ficar em Belém, precisava de trabalho urgentemente. Os outros, Roque Cid e Antônio Cid, seguem para Manaus. Aportando em Parintins, saltam e resolvem ficar.

Aqui instalados, procuram dar novo rumo as suas vidas.

Em contato com o Amazonas, sentiram que esta terra era palco de muitos sonhos, histórias, estórias, mistérios e emoções. Encantados com esta ilha menina, chamada Parintins, fizeram uma promessa a São João pedindo-lhe que se tudo desse certo: mulheres, trabalho, casas, etc. louvariam São João, com a brincadeira do boi bumbá.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Para o nordestino o bumba boi é a força que faz renascer a fé em seu povo. A promessa é um modo de afastar a natureza hostil ou as injustiças de uma sociedade que se acredita superior aos pobres necessitados, ou até mesmo de poder acreditar através da fé, num amanhã mais promissor, com trabalhos à vista.

Parintins recebe-os de braços abertos, inebriando-os com seu perfume de “Meiga Flor do Amazonas”.

Situada a margem direita do Rio Amazonas, na maior ilha das Tupinambaranas, ocupa uma área de 6.005 Km² com uma população estimada em 100.000 habitantes. Sua economia está pautada na pecuária sem desvincular-se da agricultura e da pesca. Dista de Manaus, capital: 420 km – via fluvial e 300 km – via aérea.

Os irmãos Cid, aguardam os dias que virão. Por serem de boa índole e papo saudável, fizeram vários amigos, dentre eles, José Furtado Belém. Todas as noites se reuniam, bebericavam, conversavam e falavam de seus dramas e mulheres.

1913 – Ainda não haviam concretizado todos os seus sonhos, resolvem que vão retornar as suas origens. Comunicam a decisão ao melhor amigo, José Furtado Belém que tenta reascender neles, a chama da esperança. Fala-lhes sobre um boi de nome Caprichoso que assistira em Manaus, na Praça 14 de Janeiro, contou-lhes como foi sua evolução: toadas, desafios, animação e comicidade.

QUEM FOI JOSÉ FURTADO BELÉM?

Ilustre filho de Parintins foi: Administrador da Mesa de Rendas; Superintendente Municipal; - Deputado Estadual; - Vice- Governador do Estado / AM; Advogado do Amazonas na Questão do Contestado.

Os irmãos Cid enchem-se de coragem e no dia 20 de outubro de 1913, juntamente com outros amigos, a promessa a São João foi cumprida: nasce Caprichoso na Travessa Sá Peixoto, no local conhecido como **Esconde**.

Este gesto fez bem à lua, à morena bela, ao luar, aos amantes da noite, à folia parintinense, à cultura desta terra que hoje escancara sua cara para o mundo.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Roque Cid, o autor da façanha com outros amigos, jamais imaginara que seus sonhos realizados através de São João Batista e do amigo José Furtado Belém, o tornaria conhecido no cenário da história do Boi Bumbá de Parintins.

Desde a criação do Caprichoso, sempre se pensou em um boi de cor preta. Por falta de um tecido nessa cor, por alguns anos, fora revestido com as cores: branco, marrom e quadriculado até chegar ao padrão desejado – veludo preto. Sonho realizado nunca mais mudou de cor.

Nessa trajetória, Boi Caprichoso teve vários donos: Roque Cid, Emídio Vieira, Pedro Cid, Antônio Bobói, Nascimento Cid, Luiz Gonzaga, com a sua morte assumem: Seu genro Nilo Gama, Élcio, Ambrósio, José Luiz, Santarém e Jaquinha, depois, Ervino Leocádio e Luiz Pereira. Os **donos** administraram o Caprichoso até 1981, com a denominação de Boi Bumbá Caprichoso.

O boi Caprichoso saiu às ruas pela primeira vez em 1914 era um boi simples, de rua, de quintal, de terreiro, das portas dos mais abastados, iluminado pela luz das lamparinas. Eram confeccionados com caixa de papelão, talas, cipós, estopa, cabeça de boi (carcaça de um boi normal, que precisava de um tempo para ser usada, pois para a limpeza total, buscavam a ajuda das formigas). O boi brincava, dançando estimulado pela cantoria do Amo e euforia dos brincantes em número reduzido e lá se iam ao som da batucada, entoando seus desafios, incentivados pelos torcedores.

De vez em quando, uma parada para o ritual do tira a língua. O boi morria, atirado por pai Francisco para satisfazer o desejo de Mãe Catirina. Sua língua era retirada e vendida ao dono da casa. Assim, angariavam fundos para os festejos da morte do boi quando encerravam os folguedos juninos, com lauto almoço para brincantes e convidados. Os terreiros, os quintais eram iluminados por fogueiras, lamparinas, petromax, candieiros, aladins e enfeitados com bandeirolas de papel de seda colorido. O boi evoluía, brincava, investindo contra todos, suscitando gritos e correrias. Era um poema quase selvagem, declamado em volta de fogueiras crepitantes, e fazia despertar com mais força o sentimento místico do caboclo parintinense, passando de geração à geração.

O auto do boi era cômico e aos poucos fora evoluindo, obedecendo a uma ascensão gradual com erros e acertos. Nessa caminhada, sempre estivemos imbuídos de senso crítico para melhor inovar, acertar e crescer a cada ano.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

A percussão da brincadeira era composta por instrumentos rústicos, fabricados muitas vezes pelos próprios brincantes maracás de latas, palminhas, reco-reco de bambu ou de ferro galvanizado. Os tambores eram feitos de madeira oca, recobertos com peles de animais.

Hoje temos um total de 600 instrumentos. A nossa **Marujada**. Investe intrépida, sem medo, fazendo soar harmoniosamente a parte instrumental e o coração dos apaixonados pelo Caprichoso. Os instrumentos são assim distribuídos: 140 surdos; 60 caixinhas; 50 repiques; 80 rocar; 120 xeque-xeque; 60 palminhas; 90 maracás.

Seus personagens principais: o Boi – a estrela maior; Amo, o dono do boi e tirador de verso; Vaqueirada – oito a dez pessoas; Batucada ou Marujada; Pai Francisco e Mãe Catirina; Pajé; Dona Aurora; Gigante; Padre; Dr. Curador; Dr. da Cachaça; Lamparineiros, Tribo em número de dez a doze pessoas (dos tontos).

Assim, por várias décadas o Caprichoso arrancou aplausos e emocionou muita gente, embora seu espetáculo fosse, por natureza, cômico e grotesco. Sua ascensão foi lenta e gradual. Galgou seu espaço, sua glória em meio de encontros e desencontros com o boi conuário.

O Boi Caprichoso mantinha-se financeiramente com a ajuda de padrinhos, amigos, venda da língua etc. Nessa caminhada, muitas páginas foram viradas sem a preocupação de assimilá-las e assim, perdemos alguns caracteres de nossa tradição.

Fomos em busca do novo, do diferente.

POR QUE O RITMO DO CAPRICHOSO HOJE, SE CHAMA MARUJADA?

A Marujada, de origem paraense, chegou a Parintins, logo após São Benedito que se instalou na antiga Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que ficava na praça onde hoje está o CRISTO REDENTOR. A partir de então, os MARUJEIROS começaram a prestigiar o Santo com seu bailado.

Sofrem represália pelos padres. Cessa o bailado na praça e começam a se apresentar nas casas.

Caprichoso convida os MARUJEIROS a integrar o cortejo do Boi, porque seu Emídio Vieira trabalhador do porto, como estivador, era fã dos Marujos que saltavam dos navios, vestidos a caráter. O convite foi imediatamente aceito, aumentando dessa

CAPRICHOSO



O Boi de Parintins
1913

ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

forma, a sustentação rítmica de sua brincadeira e a dança de marujos deixou de se apresentar em Parintins, mas é dançada até hoje na Freguesia do Andirá – Município de Barreirinha.

O Sr. Emídio Vieira, um dos donos do Caprichoso, após desentendimento com o Sr. Lindolfo Monteverde que brincava no Caprichoso o afastou da brincadeira e resolve, para não ficar igual ao contrário, aglutinar a percussão com a denominação de MARUJADA, ficando BATUCADA com o boi contrário.

Os ritmistas dos bois trajavam-se como Marujos. Hoje trajam-se de acordo com o Projeto para as três noites, porém em uma delas, lá vimos nós vestidos de Marujos.

Somos os MARUJEIROS DO REI NEGRO, conhecidos carinhosamente por: MARUJADA DE GUERRA.

Nossa disputa não deixa de ser uma guerra. Nossas armas?

- A ousadia, a inteligência, a coragem, o espírito da arte e nosso toque cadente.

A MARUJADA DE GUERRA é um arsenal em instrumentos. Investe intrépida, sem medo, fazendo soar no mesmo compasso, corações apaixonados pelo boi da estrela na testa.

No conjunto não se sabe quem é quem. Todos parecem ter uma só idade. Marcam o ritmo com o sabor da emoção, sentindo-se recompensados por mergulharem em 03 noites de espetáculo, no mundo da arte e dos sonhos de nossa fantasia.

FOR QUE TANTOS DONOS?

As famílias se mesclavam, iam se tornando parentes e todos queriam ter em seu poder o Touro Negro, o Diamante Negro, o Boi da Estrela na Testa, o Boi de Parintins. Os espaços, ou seja, os terreiros iam se tornando pequenos, as construções tomavam conta desses espaços e o boi que já era uma tradição histórica entre famílias, parentes e amigos. tinha que ter um dono, um local para brincar, manter sua sobrevivência, patrocinada sempre por um padrinho. Teve seu curral construído em vários pontos desta ilha, sempre do lado leste da cidade, salvo quando foi para a comunidade do Aningá



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

1965 - Caprichoso dá o primeiro passo para se divorciar da rotina da brincadeira de rua, começo de uma nova era. O ontem do Touro Negro passa a ser contado pela ilustração da memória.

A Catedral de Nossa Senhora do Carmo precisava ser construída, o Senhor José da Silva, dono da Casa a Preferida, celebra em favor da Catedral, o ensaio ao I Festival Folclórico de Parintins, não houve vencedor nem vencedor.

1966 - A JAC, em decorrência do sucesso desse encontro com a presença de quadrilhas, pássaros, boi resolve instalar oficialmente o **I Festival Folclórico de Parintins**. O Caprichoso estava no Aninga – comunidade rural ligada à cidade por estrada - por isso, não participou desse Festival, por falta de condução.

A partir de 1967 os bois começaram a receber títulos de campeões.

TÍTULOS DO CAPRICHOSO

- 1966 – Caprichoso não participou.
- 1967 – Prêmio para as melhores figuras dos Bumbás.
- 1969 – Caprichoso Campeão.
- 1972 - Caprichoso Campeão.
- 1974 - Caprichoso Campeão.
- 1976 - Caprichoso Campeão.
- 1977 - Caprichoso Campeão.
- 1978 - Caprichoso Campeão.
- 1979 - Caprichoso Campeão.
- 1983 – Vide pág. 08
- 1985 - Caprichoso Campeão.
- 1987 - Caprichoso Campeão.
- 1990 - Caprichoso Campeão.
- 1992 - Caprichoso Campeão.
- 1994 - Caprichoso Campeão.
- 1995 - Caprichoso Campeão.
- 1996 - Caprichoso Campeão.
- 1998 - Caprichoso Campeão.
- 2000 – Empate
- 2003 - Caprichoso Campeão.
- 2007 - Caprichoso Campeão.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

1980 a 1995 – José Maria Pinheiro, vereador e torcedor fanático do Caprichoso, consegue com o Prefeito Paulo Vitorino de Menezes, a doação de um terreno onde hoje funciona o curral do Caprichoso. Em 1981, Caprichoso instala-se definitivamente em seu curral que recebeu o nome de Zeca Xibelão, o primeiro Tuxaua inimitável no Bailado. O curral fica na Rua Gomes de Castro nº. 685.

Desde a sua fundação até 1981, Caprichoso, teve vários currais: Tv. Sá Peixoto, Tv. João Meireles, Beco Marechal Castelo Branco, Avenida Rio Branco, Beco Marechal Castelo Branco, Aninga, Tv. Cordovil e finalmente instala-se definitivamente no Curral Zeca Xibelão, na Rua Gomes de Castro, o que justifica hoje ser conhecido como o Boi de Parintins.

CURRAL

É o local onde se desenvolvem os eventos mais ousados da dinâmica da brincadeira do boi bumbá. Gera entre torcedores e simpatizantes uma forte solidariedade, da qual resulta em união, amizade e cumplicidade, que ao longo do tempo são preservadas. O curral é também um lugar de entretenimento e lazer proporcionando à todos um clima de descontração, sendo de vital importância para a força da brincadeira do boi bumbá.

No curral pouco se arrecada. A intenção maior é oferecer oportunidades para que toda a família azul e branco, simpatizantes e visitantes, possam prestigiar os eventos que enaltecem o grupo folclórico.

A administração do curral é feita por um diretor, responsável pela manutenção e boa apresentação do complexo arquitetônico. A estrutura física do curral Zeca Xibelão, atende satisfatoriamente a sua demanda.

O centro administrativo da Associação, concentra-se no Escritório Central, à Rua Silva Meireles. Foi reformado em 2003 e passou a abrigar em sua sala de reuniões a **Galeria dos Ilustres do Boi: Donos e Presidentes.**

Na década de 80, a situação financeira tornou-se preocupante. O Boi cresce, as despesas aumentam, e assim, o que os padrinhos e amigos nos doavam, passou a ser insuficiente, recebíamos ajuda da Prefeitura e do Governo do Estado, em pequena fatia. Partimos para outras fórmulas e fizemos uso de algumas estratégias para aumentar a



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

renda: quermesses, leilões, sorteios, bingos, etc. Surge em Manaus, o Movimento Marujada, como um elemento importantíssimo na captação de recursos, contanto que, o que tinha que ser feito, era feito.

A partir de 1982, Caprichoso sai do terreiro, do curral de seu último dono, senhor Luiz Pereira, na Travessa Cordovil e passa a ser administrado por uma diretoria.

CAPRICHOSO COMEÇA A NORTEAR SEU DESTINO

No dia 29 de julho de 1983, administradores e simpatizantes reúnem na Rua Herberth de Azevedo, em Assembléia Geral para aprovação do Estatuto que passaria a reger os destinos do Caprichoso e a partir dessa data, passou a denominar-se Grupo Folclórico Boi Bumbá Caprichoso, com diretoria constituída e um número de 116 associados.

O primeiro presidente foi o senhor Acinelcio Pereira Vieira. Cada presidente tinha um mandato de dois anos. O primeiro presidente eleito, foi o Sr. Irineu Menezes, em 1988.

1983 – Caprichoso não participa do XVIII Festival Folclórico em represália ao não atendimento das reivindicações feitas ao Prefeito Municipal de Parintins, que consistiam em:

- * substituição do Presidente da Comissão Organizadora do XVII Festival, pelo fato do referido cidadão ter sido apresentador do boi Contrário nos anos anteriores;
- * mudança do local das reuniões da Comissão Organizadora, que aconteciam no Paço Municipal, para a Câmara dos Vereadores, em razão do Presidente da Comissão ser Vice-Prefeito na época e por ter respondido que não atenderia as reivindicações, o que contou com o apoio do Prefeito.

Não sendo atendidos, fizemos nossa festa no Parque das Castanholeiras, hoje Quadra Poliesportiva Sílvio Miotto, para satisfação de sua torcida. Contou com a participação de várias quadrilhas: Filhos de Híppie, Leva com Beira, Os Camponeses na Roça, Os Portugueses no Folclore, Os Caipiras na Roça.

Por problemas administrativos em 1990 foi instituída uma junta governativa, formada por sete pessoas, a qual tomou medidas sérias para resgatar a auto-estima dos



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

torcedores e associados. De 1982 a 2007, o Caprichoso foi administrado por dezessete presidentes.

Por anos a fio, o povo caminha ao lado do boi cantando, dançando, aplaudindo, sofrendo e se alegrando com a construção desse colosso do Norte.

Com os festivais, Caprichoso começa a se afastar das casas, pois precisava se fixar em um local para os ensaios e assim, preparar-se para a disputa na arena.

O boi começou a ser montado sem a preocupação da importância da arte, nem do conhecimento da nossa cultura. As roupas eram muito modestas, sem rebuscados. O espelho era o maior visual nas indumentárias, nos chapéus, assim como o pó brilhante. Os vestidos eram confeccionados em lamê e papel crepom. O papel laminado surge como ornato de grande visual.

Os Festivais começam a atrair público. A sensibilidade artística flui com expressões mais definidas e ousadas.

Na década de 70 foram dados os primeiros passos para a inserção da cultura amazonense no contexto do bumbá, com algumas lendas.

As toadas eram pequenas, simples, de livre temática, mas em tom de desafios. Quando um amo entoava um desafio os acompanhantes do boi, os donos das casas, o cortejo em geral, sentiam-se fortes, pois não só satirizavam, como desafiavam o boi contrário com intuito de ser sempre o melhor, de repente começaram a enveredar por outros caminhos, direcionados aos itens coletivos e individuais. O que antes era expressão de amor e paixão, assume também caráter da mitologia indígena.

Inicialmente eram gravadas em fitas cassete. O primeiro disco em vinil foi gravado no ano de 1989, pelo Grupo Azul e Branco com o título CAPRICHOSO ALEGRIA DO POVO. O primeiro CD foi lançado em 1994.

Na segunda metade da década de 80, começa surgir o boi espetáculo. Desafios incalculáveis foram sendo superados e fomos ficando cada vez mais fortes.

Muitos altos e baixos marcaram a nossa caminhada, para se firmar Caprichoso como o Boi de Parintins.

A brincadeira do boi bumbá sempre foi expressão do homem cativo: negro, índio. O indígena, elemento nativo, hoje predomina na brincadeira, por ser um traço marcante na nossa identidade cultural, ficando Pai Francisco e Mãe Catirina como figura representativa no auto do boi.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

O número de turistas aumenta por conta do Festival Folclórico de Parintins.

O Boi Caprichoso começa a oferecer um leque de opções favorecendo a estética social, cultural e religiosa. O brilho se acentua nas indumentárias, pela influência da Zona Franca de Manaus. Os figurinos eram rebordados com vidrilhos, miçangas, canutilhos, pó brilhante, etc.

Começa a preocupação entre os estudiosos da cultura do Boi Bumbá de Parintins. As pesquisas sobre lendas, rituais e influências do Boi em nossa região, passaram a ser mais frequentes. Os livros sobre arte, música, dança, lendas, tribos, começam a fazer parte do acervo cultural do Caprichoso.

Foi criado um setor artístico. As pesquisas passaram a ser bem mais fundamentadas. O boi ganha movimento. O brilho se faz cada vez mais presente.

As indumentárias eram julgadas como: luxo e originalidade.

O universo artístico aumenta. Começamos a nos distanciar da realidade tradicional do auto do boi.

Os artistas disputando com os do contrário e entre si, adquirem atitude de silêncio e estudo, interiorização, respeito e admiração pelo seu e pelo trabalho dos outros.

Foi construído no Curral Zeca Xibelão o 1º local para encontro da diretoria, sócios e convidados, chamado de **OCA DO CACIQUE "ZECA XIBELÃO"** (Tuxaua que pela 1º vez usou capacete na cabeça e roupas de cetim branca, enfeitadas com penas de garça, com leve toque apache).

A Oca do Cacique era uma espécie de sede social. Foi após um incêndio, demolida para construção do curral com toda sua estrutura, para abrigar os amantes da cultura do Boi Bumbá.

Foi construído o 1º galpão de alegorias nas dependências do Curral, onde hoje é a atual sede social.

As alegorias começaram a ter forma e movimento e adquirir maiores dimensões e beleza plástica.

No ano de 1987 foi construído o Centro Desportivo e Cultural Amazonino Mendes – O Bumbódromo.

Em 1993, os artistas saem pela primeira vez para um intercâmbio entre Caprichoso e a Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis – Rio de Janeiro, a convite do



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

carnavalesco Milton Campos. Nesse mesmo ano, um grupo de jovens dos dois bumbás vai à Coréia levar o nosso ritmo, nosso show indígena.

1996 a 2006 – O artista adquire a capacidade de superar seus limites. Cria-se o Conselho de Arte. A mitologia indígena é enfatizada com maior frequência. Fauna e flora passam a desfilar na arena do Bumbódromo, como símbolo da consciência da preservação da Amazônia.

Tudo é apresentado com perfeição, com precisão, dando a impressão que nos três dias de Festival, tornamo-nos tão pequenos, diante de seres gigantes. As manifestações religiosas tornam-se mais frequentes no espetáculo. Os rituais são pontos culminantes e marcam a realidade mística de nosso povo.

O Caprichoso assume visão globalizante. No seu universo artístico encena com: homens, mulheres, animais, plantas e sobrenaturais.

Em 1996, Caprichoso se reestrutura. O Grupo Folclórico Boi Bumbá Caprichoso, passa a ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO, com todas as exigências legais para poder receber benefícios e patrocínios.

A Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso, sito à Rua Silva Meireles Nº. 1647 – Centro, funcionando o Centro Administrativo “Gentil Nossa” CEP. 69.151 - 280, CNPJ 04.276.523/0001-16, Telefone (092) 3533-4676. E-mail www.boicaprichoso@yahoo.com.br, registrado com o Nº. 2.010, Livro B Fl. 242 do Cartório do 2º Ofício / Parintins – AM, em 14 de março de 1997, como sociedade simples e com Inscrição Estadual Nº. 540046, considerado Utilidade Pública Municipal, Lei Nº. 05/78 e registro no CNE 92.62 – 2 – 99 “Entidade Desportiva e Recreativa/Cultural”.

FUNÇÃO DO CONSELHO DE ARTE.

CONSELHO DE ARTE - é quem engravida os artistas com a idéia do espetáculo que acontecerá na arena. É formado por oito ou dez pessoas. Em reunião a partir do mês de novembro, o Conselho de Arte começa a discutir a concepção e projeção do Boi de Arena. Tudo definido em detalhes para ser apresentado nas três noites com histórico, indumentária, alegorias, tuxauas, rituais, tribos, figurinos, etc.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

A idéia que era apenas do Conselho de Arte passa agora, a um segundo momento, a ter caráter coletivo. Os artistas entram em cena. Cada um recebe a missão de preparar a gravidez para parir o espetáculo.

Conhecido o projeto do Conselho de Arte. Questionamentos. Algumas mudanças e recolhimento, pelo período de três meses, nos Q'Gs.

A partir desse dia, começa a caminhada rumo à vitória.

Cada artista de ponta ou artista mór compõe sua equipe de trabalho, convocando pessoas com habilidades variadas. Essa equipe, vai aumentando gradativamente de acordo com o volume de trabalho.

O Conselho de Arte supervisiona o trabalho dos artistas e cuida para que o projeto seja desempenhado com a maior fidelidade, caso contrário, na ausência de material ou de direcionamento, o risco de desencontro é certo.

Os trabalhos nos Q'Gs são feitos de maneira crescente e, por isso mesmo, vão impregnando seus responsáveis pelo sentimento de amor, que deve ser passado ao espectador, no momento da definição final.

É comovente, é deslumbrante conhecer um Q'G no início, no meio e no fim de sua empreitada.

Para que alcancemos êxitos, precisamos de apoio financeiro, o que viabiliza a explosão da festa.

ITENS DE VOTAÇÃO

Os itens de votação são instituídos. O corpo de jurados era formado por parintinenses, o que não deu certo. Para dar maior credibilidade à disputa, partimos em busca de jurados de fora do eixo da região Norte, pois os daqui, eram fanáticos demais e outros, pagos pelo **contrário**, para a função.

No início dos Festivais, a partir de 1966, nas folhas de votação, antes do item analisado estava escrita a palavra MELHOR. Ganhava o título quem tivesse o maior número de MELHOR.

Anualmente, os representantes dos bumbás, reuniam para discutir um novo regulamento, ou para modificá-lo em alguns capítulos ou artigos, alegando-se a necessidade de melhor explicitar os conceitos e contextos. Assim, haviam itens que



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

eram retirados, outros inseridos, ou criados novos, para atender as exigências de uma apresentação cada vez mais dinâmica. Por exemplo, o item SINHAZINHA substituiu o item RAINHA DA FAZENDA. O item CUNHÃ PORANGA substituiu o item MISS DO BOI, o item RAINHA DO FOLCLORE substituiu a RAINHA DO BOI.

Em 2005, os bumbás, reúnem-se para elaboração de um novo regulamento com duração de 03 anos. Definem 21 itens para julgamento. O julgamento é feito por pessoas com conhecimento e formação artística, nas áreas assim dispostas: música, cênico/coreográfico, artes plásticas.

Os itens estão distribuídos em: 01 - Itens Coletivos; 02 - Itens Individuais; 03 - Estruturas Artísticas; 04 - Abstrato.

BLOCO “A” – COMUM MUSICAL

Podem ser jurados: músicos, maestros, musicólogo, folcloristas, sociólogos e comunicólogo. Todos com referência teórica em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras.

Itens para análise:

- 01 - Apresentador
- 02 - Levantador de Toadas
- 03 - Batucada ou Marujada
- 06 - Amo do Boi
- 10 - Boi Bumbá
- 11 - Toada (Letra e Música)
- 21 - Organização do Conjunto Folclórico

BOLCO “B” – CÊNICO/COREOGRÁFICO

Podem exercer as funções de julgadores: teatrólogos, coreógrafos e folcloristas (todos com referencial teórico em folclore com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras).

Itens para análise:

- 05 – Porta – Estandarte
- 07 – Sinhazinha da Fazenda
- 08 – Rainha do Folclore



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

09 – Cunha Poranga

12 – Pajé

19 – Galera

20 – Coreografia

BLOCO “C” – ARTÍSTICO

Podem exercer a função de julgadores: Artistas Plásticos, Etnólogos, Cenógrafos, Antropólogos, Folcloristas, Designers e Arquitetos (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras).

Itens para análise:

04 – Ritual Indígena

13 – Tribos indígenas

14 – Tuxauas

15 – Figura Típica Regional

16 – Alegoria

17 – Lenda Amazônica

18 – Vaqueirada

Os jurados são em número de nove (09) componentes, vindos de diferentes Estados da Federação e escolhidos através de sorteio. O julgamento acontece no espaço de 02:30 h a 03:00 h.

COMO SOMOS VOTADOS?

01 – APRESENTADOR

Individual

DEFINIÇÃO: Anfitrião, Mestre de Cerimônia, Porta-Voz.

MÉRITOS: Domínio de arena e de público, fluência verbal, carisma, imposição de voz, dicção, alegria, atenção, constante no desenvolvimento do tema.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: indumentária e significado, voz, desenvoltura, animação.

02 – LEVANTADOR DE TOADAS



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Individual

DEFINIÇÃO: Sua voz é o fio condutor para o desenvolvimento do tema.

MÉRITOS: Interpretação, afinação, dicção, timbre e técnica de canto.

ELEMENTOS COMPARTIVOS: Afinação, extensão vocal, dicção, respiração e timbre.

03 – BATUCADA OU MARUJADA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Sustentação rítmica, base para o espetáculo, agrupamento de percussão que fornece referencial rítmico indispensável às toadas.

MÉRITOS: harmonia, cadência, ritmo, constância.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Harmonia, disposição de arena, ritmo, cadência.

04 – RITUAL INDÍGENA

Estrutura Artística

DEFINIÇÃO: Recriação de rito xamanístico, fundamentado através da pesquisa, dentro do contexto folclórico do boi bumbá.

MÉRITOS: Teatralização, criatividade, beleza, originalidade e efeitos.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Fidelidade à toada cantada na apresentação do ritual, desenvolvimento, beleza, encenação, observada a sua fundamentação (pesquisa/referências) dentro da folclorização do boi bumbá.

05 – PORTA-ESTANDARTE

Individual

DEFINIÇÃO: Símbolo do boi em movimento.

MÉRITOS: bailado, garra, desenvoltura, simpatia, elegância e alegria.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, estandarte, leveza, graça, sincronia de movimentos entre o bailado e o estandarte.

06 - AMO DO BOI

Individual

DEFINIÇÃO: O dono da fazenda, menestrel que tira versos dentro dos fundamentos do espetáculo.

MÉRITOS: dicção, desenvoltura, postura e expressões cênicas.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, voz, afinação, poder de improvisação e qualidade poética.

07 – SINHAZINHA DA FAZENDA

Individual

DEFINIÇÃO: Filha do dono da fazenda, no auto do boi Bumbá de Parintins.

MÉRITOS: Beleza, graça, desenvoltura e alegria.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, movimentos, saudação ao boi e ao público, simpatia, carisma.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

08 – RAINHA DO FOLCLORE

Individual

DEFINIÇÃO: Item que representa a diversidade de valores expressados pela manifestação popular.

MÉRITOS: beleza, simpatia, desenvoltura e incorporação as suas representações.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Beleza, graça, movimentos, simpatia e indumentária.

09 – CUNHÃ PORANGA

Individual

DEFINIÇÃO: Moça Bonita, guerreira e guardiã, expressa a força através da beleza.

MÉRITOS: beleza, simpatia, desenvoltura e incorporação as suas representações.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Beleza, movimentos, simpatia e indumentária.

10 – BOI BUMBÁ EVOLUÇÃO

Individual

DEFINIÇÃO: símbolo de manifestação popular, motivo e razão de ser do festival Folclórico de Parintins.

MÉRITOS: Evolução e encenação

ELEMENTOS COMPARATIVOS: geometria idêntica, leveza, coreografia e movimentos de um boi real.

11 – TOADA (LETRA E MÚSICA)

Abstrato

DEFINIÇÃO: suporte lítero musical do festival,

MÉRITOS: Teatralização, criatividade, beleza, originalidade e efeitos.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Fidelidade à toada cantada na apresentação do ritual, desenvolvimento, beleza, encenação, observada a sua fundamentação (pesquisa/referências) dentro da folclorização do boi bumbá.

12 – PAJÉ

Individual

DEFINIÇÃO: Curandeiro, hierofante, xamã, sacerdote, ponto de equilíbrio das tribos.

MÉRITOS: Expressão corporal e facial, movimentos harmônicos, domínio de espaço cênico.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, originalidade, expressão, segurança, domínio de arena, encenação e coreografia.

13 – TRIBOS INDÍGENAS

Coletivo

DEFINIÇÃO: Grupos étnicos que compõem os povos indígenas do Brasil, dentro do contexto folclórico do boi bumbá de Parintins.

MÉRITOS: Sincronia de movimentos, cores e expressões cênicas e danças.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Sincronia, indumentária, fidelidade às raízes (dentro do contexto folclórico do boi bumbá) e efeitos visuais: plástica e adereços pertinentes ao contexto tribal folclorizados ou não.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

14 – TUXAUAS

Coletivo

DEFINIÇÃO: Chefe da tribo ou personagem caboclo em sua miscigenação, representação alegórica do universo indígena e caboclo da Amazônia.

MÉRITOS: Plástica adequada ao tema do espetáculo, criatividade e originalidade.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, fidelidade ao tema do espetáculo e riqueza dos detalhes nas confecções do capacete (cocar alegórico).

15 – FIGURA TÍPICA REGIONAL

Artístico

DEFINIÇÃO: Símbolo da cultura amazônica, na sua soma de valores a partir dos elementos que compuseram sua miscigenação.

MÉRITOS: Homenagem às raízes da terra, beleza e originalidade.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Fidelidade ao item, acabamento, estética, porte e encenação.

16 - ALEGORIA

Artístico

DEFINIÇÃO: Estrutura artística que funciona como suporte cenográfico para apresentação.

MÉRITOS: Beleza, criatividade e originalidade.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Acabamento, execução, funcionalidade, estética e porte.

17 – LENDA AMAZÔNICA

Artístico

DEFINIÇÃO: Ficção que ilustra a cultura dos povos da Amazônia dentro do contexto folclórico do boi bumbá de Parintins.

MÉRITOS: Imaginação, envolvimento, porte cenográfico e encenação.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Acabamento, encenação, originalidade e desenvolvimento.

18 - VAQUEIRADA

Coletivo

DEFINIÇÃO: agrupamento coletivo composto por cavalos, lanças e vaqueiro tradicional do boi bumbá de Parintins. Guardiões do boi em evolução.

MÉRITOS: Beleza e coreografia.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, coreografia e sincronia.

19 - GALERA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Elemento de apoio do espetáculo, estímulo de apresentação, massa humana que forma uma das maiores coreografias uníssona do mundo.

MÉRITOS: alegria, energia contagiante, sincronia, garra, evolução e empolgação.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: animação, calor humano, participação e sincronia.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

20 - COREOGRAFIA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Todos os movimentos de dança apresentados durante o espetáculo.

MÉRITOS: Dinâmica, criatividade nos movimentos, ritmo e sincronia.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Expressividade do movimento, sincronia e criatividade.

21 – ORGANIZAÇÃO E CONJUNTO FOLCLÓRICO

Coletivo

DEFINIÇÃO: Reunião de itens individuais, artísticos e coletivos embasados no conteúdo do espetáculo, e, por sua vez, dispostos organizadamente na arena de apresentação.

MÉRITOS: Disposição em que se encontram suas diversidades (tribos, itens individuais, etc.), harmonia, liberdade de movimento na arena e tempo compatível.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, alegria pertinente ao conteúdo do espetáculo, diversidade de estrutura e fantasia com fidelidade ao tema.

BOI DE RUA

O Boi de Rua em Parintins, para aqueles que tiveram Caprichoso em seu aconchego ou que participaram da brincadeira, é lembrado com suspiros lânguidos de saudades.

É o momento que expressa a tradição dessa manifestação cultural. O Boi brincava, cantando e dançando com seus brincantes, com a Dona Aurora, Pai Francisco, Mãe Catirina e vaqueirada e lá se iam pelas ruas, ao som da Marujada.

De vez em quando, uma parada para o ritual do Tira Língua. O Boi morria, atirado por Pai Francisco para satisfazer o desejo de Mãe Catirina. De porta em porta de amigos, torcedores fanáticos, políticos, angariavam fundos para os festejos do dia da morte do boi, quando encerravam os folguedos juninos com um lauto almoço para brincantes e convidados.

Nos terreiros, nos quintais todos iluminados pelas fogueiras, lamparinas, petromax, candeeiros, aladins e enfeitados com bandeirolas de papel de seda colorida, o Boi evoluía, investindo contra todos, suscitando gritos e correrias. Aos brincantes e convidados era servido: aluá, gengibirra, cachaça, batidas, licores regionais, arroz doce, munguzá, milho assado na fogueira, etc.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Era animação total: fogos explodiam no ar, bombinhas e busca-pés colocavam a curuminzada para correr.

O boi dominava tudo e todos.

Os mais velhos sentavam-se nos bancos em volta do terreiro, apreciando os que se envolviam de tal forma com a dança, parecendo que estavam possuídos, principalmente quando a toada tinha cunho de desafio como, por exemplo:

| | |
|--|-----------------------------------|
| <i>É contrário mete a faca na bainha (bis)</i> | <i>Vou chegando, vou entrando</i> |
| <i>Fica lá p'ra cima (bis)</i> | <i>Com meu garrote mimoso</i> |
| <i>Não vem p'ra baixo brincar,</i> | <i>Na casa de nosso chefe</i> |
| <i>Boi Caprichoso vai bombardear.</i> | <i>Boi de fama é Caprichoso</i> |

O Boi de Rua era uma louvação aos Santos: Antônio, João, Pedro e Marçal.

Pais, irmãos, maridos, primos, amigos, enfim, famílias se uniam para compor a brincadeira, levando o Touro Negro, imponente, pelas ruas.

Ao passar, as janelas e portas se abriam, principalmente quando entoavam as toadas antigas. Os mais velhos sentem saudades, postavam-se nas janelas p'ra ver o Touro Negro passar.

Algumas lembranças saudosas são proferidas por lábios enrugados e trêmulos, pela emoção que sentem ao ver e lembrar o ontem dessa lenda viva, que enche-lhes o peito dos momentos românticos dos terreiros e quintais, das fogueiras e lamparinas.

Vamos lembrar de uma torcedora bem antiga: **Dona Izolina de Souza Gonzaga**, nascida a 16/07/1900. Neste ano de 2007, estará comemorando 107 anos. Para ela, o boi foi remédio salutar.

Acompanhou seu marido Luiz Gonzaga na sua casa, Av. Rio Branco e no cortejo do Boi, com seus filhos, desde 1948 até 1963 quando seu esposo faleceu. Vivenciou esta brincadeira por quinze anos consecutivos.

Antes de sair atrás do Boi, deixava os comes e bebes prontos. Quando retornavam, oferecia aos brincantes um lanche reforçado para recompor as energias.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Dona Izolina nunca deixou de andar atrás da brincadeira. Ela era fanática, tão fanática, ao ponto de não passar em frente ao curral do contrariado. Quando Caprichoso ia brincar no Aninga, chegava a essa comunidade, indo e retornando de canoa.

Ela era perigosa!

O Boi de Rua cessou por algum tempo, mais ou menos por seis anos.

Voltou em 2001, com o Presidente Claudomiro Carvalho Filho.

Retornou, não mais com era antigamente. Foi recriado para prestar homenagens a todos que dirigiram o Caprichoso ou que brincaram por anos, nesse folguedo folclórico que cresce a cada ano.

O ritual é exibido no Boi de Rua e Fuga do boi, com a participação do povo, amante da autenticidade de brincar Boi.

CAPRICHOSO BOI DA ESTRELA NA TESTA

Contam que lá pelos idos de 1920, seu Emídio Vieira saiu a pescar. Noite alta, a pesca difícil. Nada de peixe. Uma tarrafeada aqui, outra ali, o tempo correndo. De repente, ao longe ouve-se um galo cantando. Era madrugada. O sol anunciava, com tons rosados nos céus, os primeiros sinais da aurora que iria reinar por 12 horas. Seu Emídio coçou a cabeça, (como inconformado), pois era exímio pescador e arpoador de grandes pirarucus e tambaquis etc.

Era hora de retornar, prepara-se para sair do Lago Boiussú. Já no Lago Macurany, resolveu dar mais uma lanceada. Alguns peixes vieram em sua tarrafa e presa em uma das malhas, uma estrela cor de marfim.

Os peixes tarrafeados davam para enganar a fome. A estrelinha foi tirada com todo o cuidado e colocada debaixo de uma cuia.

Chegou em casa com a cambada de peixe (uns seis mais ou menos) e a estrela que fora entregue com muito carinho a sua esposa. Eram 9hs da manhã. Dona Maria ficou feliz. A estrela no sol, apresentava um certo brilho. Ela guardou-a com muito carinho. Dias depois, ela foi olhar sua estrela e notou que havia perdido o brilho. Ficou chateado, pegou-a e foi até a cozinha. Ao chegar fora de casa, a estrela recuperou o brilho. Assim foi por vários dias.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Dona Maria disse a seu Emídio – Olha, acho bom colocares esta estrela num local que fique fora de quatro paredes.

Ele olhou para o Boi Caprichoso que estava num barracão, sobre um jirau e disse: já sei onde vou colocá-la. Direcionou-se ao boi que tanto amava e colocou a estrela em sua testa. Essa estrela ganhou brilho reluzente e piscava de felicidade, como se estivesse prevendo sua ascensão. Junto com o Diamante Negro jamais deixaria de brilhar.

Dona Maria parecia ver um céu com um campo de estrelas e disse esfregando os olhos – Eu heim! Fiquei tonta com essa dança da estrela nas cores verde-azul piscina.

O ESPETÁCULO NO BUMBÓDROMO ENCERRA COM A FUGA DO BOI CAPRICHOSO NO CURRAL

Apresentador chama a Marujada de Guerra, Levantador de Toadas e Amo.

Chama todos os itens. Após a evolução, formam um corredor para receber o Boi Caprichoso.

O boi cumprimenta a todos com muito carinho, sendo abraçado e beijado por todos. Com a Sinhazinha a festa é maior. Esta lhe dá, além de carinho, sal e alimento (capim). Após aplausos e carícias, os itens vão se retirando um a um, ficando apenas o Boi com o povo, brincando.

De repente, uma investida de fuga.

Os vaqueiros que estão a postos na escada, saída do curral, começam a entrar na arena, fazendo um círculo em volta do boi.

O vaqueiro mór, com o laço girando no ar, na tentativa de laçar o Boi, deixa-o mais furioso, investindo contra os vaqueiros.

Laço vai, laço vem. Não se consegue domar o Touro Negro.

Já que os vaqueiros não conseguem domá-lo são chamados para ajudar: o Padre, o Pajé, Dr. Curador, Dr. da Cachaça, Tuxaua, Catirina e Pai Francisco.

Num círculo concêntrico ao da vaqueirada, por dentro, dançam, benzem, fazem mandingas, deixando o boi mais enfurecido, investindo de vez em quando, ensaiando uma fuga.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Até que, num dado momento, fura o bloqueio e sai em desabalada carreira cadenciada, seguido apenas pelo vaqueiro mór.

E lá se vai o Caprichoso balanceando com furor, animado pelo “tripa” que procura imitar o escavar dos touros, pisando forte, num balanceio elegante, urrando, investindo contra todos, espantando o povo, disposto a enfrentar qualquer inimigo.

O povo vibra, delira, grita. Todos cantam e dançam com entusiasmo, aplaudindo o temerário: Touro Negro.

As toadas são cantadas com maior alegria, que se espalha no rosto da família Azul e Branco.

A Marujada com seus instrumentos, num toque cadente enche a noite de forte vibração.

Os índios entram gritando, como em aclamação de guerra.

O amo, como bom “tirador” de desafios os entoa com valentia e provocação.

O levantador de toadas, reúne os mais belos temas para despedir de Parintins, O Touro Negro, a alegria.

A festa esquenta e vai noite a dentro.

O QUE É BOI BUMBÁ?

É uma brincadeira folclórica. Criação autêntica da cultura popular brasileira.

O boi, o brinquedo, é construído de: armação de cipó, isopor, talas, madeira, papel machê, esponjas e tecido aveludado.

Bumbá: interjeição equivalente a zás, indicando estrondo, pancada ou queda e funciona como voz de excitação: Investe Boi! Chifra Boi! Heia Boi! Avante boi! Corre Boi!

Boi Bumbá é uma expressão herdada de nossos antepassados. Surgiu no meio dos escravos negros e índios em forma de sátira e reivindicações: dar e tomar. O branco sempre foi o elemento satirizado, nas toadas, nos desafios por sua autoridade, dominação e exploração.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

OS QUATRO PILARES

O Boi Bumbá Caprichoso, a partir do Curso de Capacitação em Gestão Social, através do Projeto Comunidade dos Bumbás, promovido pela CEAM, sob a dinâmica da Empresa DAMICOS Consultoria e Negócios, com início em JUNHO/2003 e término em NOVEMBRO/2005 (distribuído em módulos), rende-se a uma realidade que, embora já existisse, precisava de uma melhor organização de trabalho que caracterizasse a unidade do conjunto.

O belíssimo espetáculo, sozinho não atende mais os anseios da Associação e da comunidade.

O Caprichoso a partir de abril de 1997, já havia criado a Fundação José Furtado Belém hoje Fundação Boi Bumbá Caprichoso, a qual abriga a Escola de Artes “Irmão Miguel de Pascalle”, sua primeira ação social, voltada para o atendimento de meninos carentes.

Para estar melhor respaldado na busca de colaboradores, firma alicerce em quatro pilares: BOI DE ARENA, BOI SOCIAL, BOI CULTURAL, BOI ECONÔMICO.

BOI DE ARENA - É o momento da apresentação do espetáculo onde tradição e modernidade, numa simbiose de energia, traduzem o vínculo maior com a realidade da terra: dança, desfile, cantoria, teatro, culminando numa explosão de emoção e alegria dentre todos os envolvidos.

BOI SOCIAL – A Escolinha do Caprichoso surgiu em abril de 1997. Resultado de gestos simples, de solidariedade humana para atender crianças carentes. Trabalho totalmente assistencial, atendendo gratuitamente crianças e adolescentes entre 08 a 15 anos. O atendimento é feito através de oficinas de artes como: dança, teatro, artes plásticas, tecelagem, desenho etc. além de formar cidadãos com consciência ambiental, cultural e social através do tripé: escola – aluno – comunidade.

BOI CULTURAL – Nosso Patrimônio Cultural, como de qualquer outro povo é diversificado e rico, no entanto, muitas coisas já se perderam no tempo, despertando



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

por isso, preocupações que convergiram para a criação do Departamento Cultural “Edinelza Cid”.

Objetivo - estruturar uma política de intercâmbio cultural, organização do memorial, catalogação de objetos, registros, documentos, imagens e sons para a criação de um banco de dados com intenção de resgatar a história cultural do Caprichoso e de Parintins. Já forma implantados projetos como: O BATE-PAPO AZUL E BRANCO – Conte Sua História Que Eu Conto a Minha; Ornamentação da Rua Gomes de Castro (executado no mês de junho); Projeto GALERIA DOS ILUSTRES DO BOI.

Hoje, o Projeto MEMORART (Memória e Arte do Caprichoso) com exposição de documentos, fotos, roupas, utensílios, discos de vinil, fitas cassete, CD’s e DVD’s, instalado nos altos da Sede Social do Caprichoso.

BOI ECONÔMICO - Os recursos captados por Caprichoso são destinados prioritariamente ao Boi de Arena. Estamos tentando através de projetos, buscar equilíbrio econômico/financeiro dos quatro pilares de sustentação.

Este pilar é a condição de sustentabilidade e credibilidade, onde cada real auferido, terá a aplicabilidade respaldada pela responsabilidade.

SÓCIOS

O Caprichoso conta com 717 sócios e um cem número de torcedores e simpatizantes formados por pessoas simples da comunidade, visitantes, turistas.

CLIENTES E USUÁRIOS

Os clientes e usuários dos produtos do boi Caprichoso estão espalhados geograficamente em todo o Território Nacional e visitam Parintins anualmente, durante os festivais. Temos clientes em outros países como: Japão, França, Espanha, Coréia, Estados Unidos, Suíça.

Considerando a dimensão do evento a nível nacional e internacional, o Ministério da Cultura e Turismo, classifica-o entre as dez mais importantes festas populares do país.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

CONCLUSÃO

A cultura do Boi Bumbá de Parintins é o resultado da interpenetração de culturas que foram sofrendo mutações e se adaptando ao interesse caboclo, que sempre alimentou o desejo de ser, ter e crescer, num cenário aparentemente sem atrativos, onde a pecuária, o extrativismo, e a pesca conduzem a economia do município. Fez explodir no meio da floresta, um espetáculo suntuoso: O Boi de Parintins, diferente, inimitável que decanta a Amazônia de forma exótica, tornando Parintins o bem mais precioso do contexto cultural onde tradição e modernidade tornam-se atração turística e pólo irradiador de combinatórias culturais para outros municípios, Estados da Região Norte e demais regiões brasileiras, territórios internacionais.

CONCLUÍMOS COM UM CONCEITO DA CULTURA DO BOI BUMBÁ DE PARINTINS

É o resultado da interpenetração de culturas que sofreram inclusões e exclusões no processo da construção do Boi de Parintins como manifestação cultural, tornando-se a expressão maior do universo amazônico, impulsionando o diálogo tradição/modernidade a uma trajetória para outras combinatórias culturais, influenciando outros municípios e Estados, ganhando notoriedade internacional.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois Bumbás de Parintins.**

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.**

GIFFONI, Maria Amélia Corrêa. **Danças Folclóricas Brasileiras.**

MENEZES, Bruno. **Boi Bumbá – Auto Popular**

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Festa na Floresta – O Boi**

Bumbá de Parintins.

MICHOL, Pinho de Carvalho, Maria. **Matracas que desafiam o tempo.**

REIS, José Ribamar Souza. **Dos. Bumba meu Boi**

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – MINAS GERAIS. **De Mãos**

Dadas – Ação Comunitária E Cultural

SAUNIER, Tonzinho. **Magnífico Folclore de Parintins.**

_____. **Parintins – Memória dos Acontecimentos**

Históricos.

CÉRQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de Fé no Médio Amazonas**

NOGUEIRA DA MATA, João. **Amazônia Terra da Promissão.**

BITTENCOURT, Antônio C. R. **Memórias do Município de Parintins.**

Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

Revista de Ensino Religioso – Diálogo. Arte e Religião Expressões

Culturais do Sagrado – A Música na Educação.

SOUZA, Márcio de. **Breve Histórico da Amazônia**



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

FONTES ORAIS / COLABORADORES:

Nilo Gama, Dona Izolina, Dona Osmarina, Sr. José Bentes, Sr. Luis Pereira, Sra. Maria Luiza Gonzaga, Sra. Ednelza Cid, Manoel Ribeiro, Aderaldo Prestes, Wilson Sanches da Silva, Mena Gonzaga, Inácia Gonzaga, Jansen Godinho, Raimundo Muniz, Álvaro Isidoro Rocha, Maria Célia Cid, Alcinélcio Vieira, Sra. Sila Marçal, Emídio Souza da Silva, Maria Laura de Jesus Cid, Ana Tereza Vieira, Dona Filoca, Waldecir Cruz, Sra. Vivência, Sra. Waldina, Luiza Monteiro, Íris Martins, Tomaz Cid, Júlia Portilho, Sra. Sílvia, Salomé Gomes Marialva, Sr. Machado (Ex Amo do Caprichoso), José Maria Pinehiro, Luzia Vieira, Moisés Prestes, Marilda Cruz, Neném Alfaia, Dona Antônia, Célia Oliveira, Dinha da Cruz Fonseca, Sr. Parafuso, Sílvia Coimbra, Tia Lili, André Chumbão, Francisca Pires, Raimundo Evangelista Santana, Admilson Vieira, João Bosco Freitas, Raimundo Pimentel, Sr. Sarita, Sr. Bacuri, Sr. Marduk., Marcos Azevedo, Raimunda Dionísio Teixeira, Ivaneth Silva, Nazaré Leitão, Antônio de Souza Pinheiro (Coati), Aderaldo Reis, Benedito Lopes, Antônia Fernandes, Mário Silva, José Dutra, Sr. Pirolote, Guajarina Prestes, Milca Maia, Veramilton Almeida.

Acervo Documental: Departamento Cultural “Ednelza Cid” – Caprichoso

Pesquisa e Texto: Odinéa Andrade

Edição de Texto: Irian Butel

Participantes: Ray Santos, Rosa Cursino e Flávio Simas Brandão.



Histórico do boi-bumbá Garantido da Baixa do São José

Convém esclarecer que o conteúdo deste documento foi extraído do arquivo do pesquisador e escritor Basílio Tenório, mais precisamente dos seus livros ainda a serem publicadas: “*A Cultura do Boi-bumbá de Parintins teoria da sua história*” e “*A Poética Vermelha e Branca do Boi-bumbá Garantido*”.

O boi-bumbá Garantido, ou simplesmente Garantido, é um projeto de entretenimento junino povoado de belo envolvendo arte, magia, gente e poesia, fundado pelo cidadão Lindolfo Marinho da Silva que, enquanto poeta popular, entraria para a história assinando “Lindolfo Monteverde”. Sua data de fundação é controversa, em função da rivalidade existente com o seu desafeto cujos historiadores afirmam ter surgido em 1913. Por conta disso, ou do folclórico “dogma de 1913”, os descendentes do Poeta Fundador também afirmam que o Garantido foi fundado em 1913. Outros, porém, afirmam que foi em 1915 e ainda outros que foi em 1917. A cronologia das evidências históricas também afirma que o Garantido foi fundado em 1917.

Procedência

O boi-bumbá Garantido, procede da história da cultura do boi enquanto divindade, mais precisamente do auto do boi segundo os padres jesuítas no tempo do Brasil colônia. Portanto, de uma nova variável do auto do boi.

Diferente das que havia, a variável jesuítica do auto do boi era tão somente uma emocionante peça teatral envolvendo os ais da escravatura negra, a causa e a proposta jesuítica para as Américas portuguesas e espanholas apresentada, particularmente aos índios confinados nas reduções jesuíticas, ao longo do litoral nordestino. Audaciosa para aquela época, uma vez que satirizava os fundamentos da fé cristã católica e justamente no apogeu da “santa inquisição”, e porque também se fundamenta na especulação da realidade histórica o auto do boi retorna às cruzadas, mais precisamente às guerras contra os mouros, daí as cores: o azul e o vermelho buscando trégua na cor branca. Entretanto, diferente do brincar de boi então existente, no nordeste brasileiro, a variável jesuítica do auto do boi surgia fundamentada no princípio das brincadeiras-de-roda e nas poesias medievais, de modo que a exaltação era o primeiro entre os seus fundamentos. Enquanto auto, que especula comicadamente a vida e a morte, a variável jesuítica estabelece o auto do boi em três atos: chegada do boi, evolução do boi e despedida do boi.

A variável jesuítica do auto do boi é uma dádiva da migração nordestina para o vale do Amazonas, mas seria a última a chegar em Parintins. Viria do Estado do Maranhão, todavia, em duas etapas ou dois estágios. O estágio primeiro teria chegado entre 1890 e 1895 trazido pelo professor, folclorista e cancionista negro Rufino Souza e fora ensinado e defendido ao longo do Caminho de Terra Santa, ora Rodovia Odovaldo Novo, no terreiro da escola onde ele lecionava, brincando o boi Malhadinho por ele fundado. O segundo estágio ou a variável jesuítica do auto do boi já consolidada, também viria do Maranhão e chegaria em Parintins em 1914, trazida por Izabel, uma adolescente de mais ou menos 15 anos de idade; ela ouve falar de Lindolfo e se dispõe em



conhecê-lo. Depois, encantada com a poesia e com o próprio Lindolfo Monteverde, convida-o e em 1915 fundam o “Boi Douradinho”.

Foi brincando o boi Douradinho que “*Isabel, a morena bela que veio do Maranhão*” ensinou a Lindolfo Monteverde a poética jesuítica do auto do boi em toda sua essência e, através dele, aos demais folcloristas e donos de bois, em Parintins, e à posteridade. No mesmo ano, morre Isabel. Em 1916, tentando prosseguir brincando o boi Douradinho, Lindolfo vai ao pai da extinta, mas este o proíbe. Ele então reúne seus companheiros brincadores de boi e, juntos, vão brincar o boi Malhadinho em Terra Santa. – Isabel iria fundamentar o surgimento da figura da “Morena Bela”; primeiro em São José, depois no universo da cultura do boi-bumbá de Parintins.

Em 1917, em razão do cumprimento de uma promessa ao seu “Glorioso São João”, por uma graça alcançada, Lindolfo Monteverde funda o boi bumbá Garantido cuja poética vermelha e branca acontece gravitando em torno da propriedade São José, onde vivia seu pai, Antonio Marcelo Rolim e de onde desceram as crianças, bem como a maioria dos jovens e adolescentes que brincaram na fundação do boi.

Por essa época as variáveis do auto do boi existentes em Parintins, particularmente as que predominavam na região do Aninga, dedicavam suas apresentações a santo Antonio, de modo que a apoteose daqueles bois era brincada na noite véspera do dia 13 de junho. Estes bois tinham sempre os nomes de fita e cor, por exemplo: boi Fita Preta, boi Fita Amarela, boi Fita Branca, boi Fita Verde e assim por diante. Já na variável jesuítica do auto do boi, que dedicava suas apresentações ao glorioso São João e cuja apoteose acontecia na noite do dia 24 de junho, o que não impedia que a temporada junina extrapolasse até o final do mês, os nomes dos bois era um misto de diversificados e cartas de baralho, tais como: boi Malhadinho, boi Dois de Paus, boi Douradinho, boi Dois de Ouro e assim por diante. E assim, uma vez procedente da variável jesuítica do auto do boi e porque era do interesse do Poeta Fundador, daí a data de fundação do boi-bumbá Garantido: 24 de junho. Ano de sua fundação: 1917.

A título de informação, o ultimo boi da linhagem fita e cor, ou o ultimo “boi Fita Verde” surgiu em 1918 ou 1920, fundado pelo Sr. Manoel da Silva Leocádio, na região do Aninga, em sua propriedade denominada “Canta galo”, extremo oeste da ilha de Parintins. O motivo teria sido uma tentativa desesperada de fazer prevalecer a respectiva variável do auto do boi, ensinada, brincada e defendida naquela região, ameaçada de desaparecimento em razão do surgimento do boi-bumbá Garantido que, pujante na liderança, na audácia e na poesia do seu fundador realmente aniquilava, impiedoso, as demais variáveis então existentes em Parintins. Era tanta animosidade folclórica que, em sua poesia, o boi Fita Verde não chamava o boi Garantido pelo nome, mas de “Boi Falado”. Vejamos esta toada:

Fita Verde aqui chegou
Para encontrar com o “boi falado”
No meio não há licença
Se quiser só pelo lado.

Foi no reinado pioneiro do boi Malhadinho, de Terra Santa, enquanto experimento da variável jesuítica do auto do boi, em Parintins, e do professor Rufino Souza enquanto poeta e folclorista que nasceu Lindolfo Monteverde. E foi justamente imitando o professor Rufino Souza que aconteceu a sua iniciação folclórica. Portanto,

1917. 24 de junho, fundação do boi-bumbá Garantido e foram os seus principais brincantes fundadores:

Lindolfo Marinho da Silva (Lindolfo Monteverde)



Mundico Cid (Raimundo Duarte Cid)
Amâncio Rolim
Raul Góes (pai)
Emídio Silva
Baladeira (Gervásio Silva)
Mário (*o homem que desafiou Deus. Causo, mas verídico.*)
Raimundo Barbosa
Protestado (*Peré, anos depois velho Peré*)
Máximo (*o rezador de ladainhas*)
Isidoro (*Isidoro Paraíso*)
Rapazes da cidade (*fundariam o boi contrário anos depois*)
Família Tenório (*moradores de Terra Santa*)
Júlio Evangelista (*Júlio Fogueteiro, o pai de Zé Foguete*)
Jurandir (*Jurandir Mecânico*)
Manoelzinho Treme
Ibernur Reis
Pedro Cururu.

-Lindolfo Monteverde é intimado a comparecer na delegacia de policia. Motivo: para registrar o seu boi recém-fundado. Nome do boi?, pergunta o delegado. – Garantido., responde o Poeta Fundador. Isso é nome de boi?, nome de boi em Parintins é: Dois de capa, Fita preta..., o nome do seu boi é coisa de guerra e você sabe que estamos em guerra, além disso o seu estilo de cantar, de versejar, enfim, de brincar boi é audacioso demais p'ro meu gosto. Olhe aqui: você vai ter que mudar o nome do seu boi. - Não posso, delegado. ...O fato foi que o Garantido foi fichado na policia por atentado ao pudor e por apologia à primeira guerra mundial. Dias depois, aquele delegado teve que viajar e assume interinamente, em seu lugar, o senhor Benedito Menezes (Bito Menezes) que, admirador do Poeta Fundador, manda chamá-lo. Lindolfo comparece na delegacia agora acompanhado de seu irmão menor, Amâncio Rolim. ...o Garantido é reabilitado e registrado com o nome de: **Boi bumbá Garantido da Baixa do São José**. Este, portanto, é o seu nome.

1918 - Lindolfo Monteverde é sorteado e segue para Manaus para fazer o serviço militar e assim ser preparado para a guerra. Mundico Cid, seu amigo e também brincante fundador, assume o comando do Garantido. No quartel do 27 BC Lindolfo Monteverde é corneteiro e chega a embarcar com destino à cidade do Rio de Janeiro de onde partiria para as linhas de combate, mas não chega atravessar o oceano; terminava a primeira guerra mundial. Lindolfo Monteverde ficaria durante sete anos em Manaus, mas a cada mês de junho ele descia o rio para visitar parentes, abraçar os amigos e brincar o seu querido boi Garantido.

-A fundação do boi-bumbá Garantido faz desaparecer os bois e respectivas variáveis não jesuíticas do auto do boi em Parintins. Acontece, portanto, a primeira solidão folclórica no universo folclórico da cultura do boi-bumbá desta terra, uma vez que o Garantido é o único boi-de-pano a brincar pelas ruas e caminhos da Parintins daqueles idos. Enquanto isso, Mundico Cid e Lindolfo Monteverde prosseguem provocando o surgimento de outros bois para o exercício da trova, versejando ao redor das fogueiras:

Quem corta é o aço
Quem manda é o braço
Nas ruas desta cidade



Procuro um boi e não acho.

1923 - Em parceria com Emídio Vieira, apelidado de tracajá, Thomas Velásquez, funda o boi Galante. Ao mesmo tempo a família Fernandes funda o boi Desigual, que logo se faz aliado do boi galante contra o boi Garantido. Desaparece a primeira solidão folclórica, ressurgem o desfile de trovas e de trovadores ao redor das fogueiras para o povo apreciar, enquanto assim, desafiando os filhos da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido, o conjunto folclórico do boi Galante levantava esta toada:

*Boi Galante urrou
Terra firme tremeu
Para poder conosco
É só Deus, é só Deus*

Que o Poeta Fundador respondeu cantando assim:

*O Garantido ouviu
Tarem falando em Deus
Escutou na terra e olhou pra diante
Olha lá, Galante, que o teu Deus sou eu.*

1925 - Lindolfo Monteverde retorna em definitivo de Manaus e Mundico Cid devolve a ele o Garantido, bem como o poder folclórico vermelho e branco.

-É inventada a briga de touros. Neste aspecto, diferente do boi de evolução, havia o boi confeccionado especialmente para a briga. Os tripas, ou seja, os homens que evoluíam embaixo desses bois também eram especiais. Tinham que ser fortes, destros no dançar e na porrada cabocla. O tripa do Garantido, enquanto boi de briga, era Gervásio (Baladeira), irmão de Lindolfo Monteverde. Do boi Galante era Ramiro (Ramiro Vaca Brava).

1926 - Em decorrência do infortúnio do boi Galante, degolado, ao enfrentar o boi Garantido numa briga de boi, acontece a primeira briga de rua entre conjuntos folclóricos de boi-bumbá em Parintins. E porque ficaram estremecidos, Lindolfo Monteverde e Tomás Velásquez, desaparece a briga de touros.

1927 - Fundado pelos irmãos Cid, Pedro, Nascimento e Artur Cid, surge o boi-bumbá Caprichoso. É retomada a briga de touros, que prevalece por 10 anos.

-Lindolfo Monteverde compra a propriedade do Sr. Nefthalli, onde ensaiava, para ali instituir em definitivo o Curral do Garantido.

1925 - Nasce Didi Piedade. Ainda menino, seu pai o leva à Baixa do São José e o entrega ao mestre Lindolfo. Começa a sua iniciação brincando de caboco. O mestre percebe a sua inteligência, seu agudo e belo timbre de voz, retira-o da tribo de cabocos, coloca-o para brincar ao seu lado fazendo dele o seu gravador. O conjunto folclórico do Garantido havia aumentado com a chegada da nova geração de pioneiros e, quando alguém chegava com uma toada nova, essa era cantada na presença do agora adolescente Didi Piedade que a gravava na cabeça. E o Garantido saía para brincar os seus compromissos folclóricos. Se acontecesse de o mestre Lindolfo precisar de uma certa toada e não mais lembrasse dela, era só ligar Didi Piedade e a toada fluía como água



das nascentes amazônidas rumo à preferência popular em Parintins. Com o passar dos anos Didi Piedade se torna um dos mais importantes versadores em São José.

1927 – Nasce Valdenir Aporcino Teixeira, o lendário e saudoso Vavazinho. Seria e foi um dos mais importantes compositores de toadas do Garantido.

–Nasce José Evangelista de Souza, o Zé Foguete, filho do brincante pioneiro Júlio Evangelista mais conhecido como *Júlio Fogueteiro*. O apelido veio do pai, que fabricava fogos de artifício. Zé Foguete figura entre os maiores compositores de toadas e foi o inventor da “paradinha na toada” e do “bailado corrido”.

–Nasce Ambrósio Souza Assayag, o Ambrósio das toadas memoráveis. Depois de Lindolfo Monteverde, à semelhança de outros tantos em São José, mesmo em idade avançada mas Ambrósio ainda figura entre os maiores poetas e compositores de toadas do Garantido. É tão grande o seu acervo que não se tem a conta exata de quantas toadas é composta a sua obra. É o primeiro em São José a contar os acontecimentos históricos através da toada, o inventor do rito de fuga do boi, bem como das toadas que o fez constituído e consolidado. Rito de fuga que logo foi absorvido por todos os bois que aqui existiram.

–Nasce dona Mocinha, filha de Raimunda Silva e de Isidoro Paraíso. Tão destemida que depois de casada com “Ba” (Sebastião), e quando naquelas brigas de rua ela entrava no meio em defesa de seu marido e, por ele, em defesa do Garantido.

1928 – Mundico Cid se despede do Garantido e dos demais brincantes pioneiros, abraça Lindolfo Monteverde, beija demoradamente dona Xanda e vai embora brincar em definitivo nas fileiras do boi Caprichoso.

1932 – É deflagrada a Revolução Constitucionalista. Em função dela acontece a sublevação na fortaleza de Óbidos cujos revoltosos, em agosto daquele mesmo ano invadem Parintins, prendem o prefeito, Dr. Leopoldo Neves, e assaltam a cidade. A notícia se esparrama e chega em São José. Minutos depois, liderado por Jurandir Mecânico e Raul Góes, desce um comando vermelho e branco e oferece combate aos sediciosos. Tiros de parte a parte, zumbido de balas violentam a madrugada. Em desespero de causa, mas dispondo de Dr. Leopoldo Neves como refém, Arquimedes Lavor, o líder dos sediciosos, ergue a vós e conclama ameaçando: - *Homens de Parintins, deponham as suas armas e se entreguem, caso contrário nós matamos o prefeito de vocês...* Em função da vida de Dr. Leopoldo Neves, Jurandir Mecânico e Raul Góes despacham seus companheiros e se entregam. Os sediciosos também os fazem prisioneiros, juntamente com as autoridades. Na partida, eles levam as autoridades para o navio “Andirá” e quando a singrar o velho Amazonas vão deixando-os um a um ao longo do beiradão. Acontece a “Batalha Naval de Itacoatiara”, e chega um contingente de 80 soldados para guarnecer Parintins. É cavada uma enorme trincheira no barranco junto ao rio, um pouco abaixo do cais do porto, onde os soldados tomam posições à espera dos revoltosos que não apareceram. Os soldados retornaram para Manaus. Dos 80 homens que vieram, o corneteiro ficou. Era um negro seresteiro, tocador de violão que termina brincante do boi Caprichoso. Em função dele é derrubada a discriminação racial, enquanto a sublevação da fortaleza de Óbidos, a batalha naval de Itacoatiara e a ocupação desta ilha pela guarnição vinda de Manaus militarizava a cultura do boi-bumbá nesta terra. No ano seguinte, 1933, teríamos a comprovação quando o Poeta Fundador desafiava ao redor da fogueira:



*Este ano eu vou no teu curral
Derrubar a fortaleza
E tomar conta do lugar
Mas o contrário correu, correu
Só de um urro
Que o Boi Garantido deu.*

Que o lendário Curumim do Igapó (Luis Gonzaga), músico autodidata, poeta e cancionista, respondeu compondo e cantando assim:

*Vieste derrubar a fortaleza
Mas não tiveste coragem
De meter o teu focinho
Não teima que por aqui
Você não passa
O resultado é tu voltar
No teu caminho.*

– Dona Xanda, envelhecida, é aposentada da sua primazia de primeira lamparineira na história do Garantido. “Raimundo Zuada” assume em lugar dela.

1941 – Noite de 29 de junho. Em razão de deslocamento e invasão de respectivos quarteirões, inspirado nos combates de infantaria na segunda guerra mundial, noticiados pelo rádio e pelas revistas da época, acontece em Parintins o primeiro combate entre Garantido e Caprichoso. O boi Caprichoso é preso e queimado, ao amanhecer, pelo Cap. Idelfonso, então delegado de polícia. O Garantido, que havia conseguido evadir-se, era procurado para receber o mesmo castigo. Mas não foi encontrado. Por conta disso é instituída a rivalidade pesada no universo folclórico da cultura do boi-bumbá de Parintins. Ainda em função da segunda guerra mundial surgem as alianças entre bois, e tínhamos então: Caprichoso e seus aliados; Garantido e seus aliados.

– O princípio folclórico e poético do boi-bumbá Garantido da baixa do São José é levado para cidade de Barreirinha. Em razão de uma graça alcançada por uma promessa a São João, Antonio Marinho funda naquela cidade o boi-bumbá Garantido. O próprio era o amo do boi, cujo curral se localizava no extremo oeste da cidade, local denominado: “Rabo da onça”.

1946 – O Garantido, que era preto, muda de cor. Lindolfo Monteverde cria o “rito do boi serenando no terreiro”, tão somente para exaltar o belo e a quem de merecimento em Parintins, e inventa os primeiros movimentos do Garantido que passa a abanar a cauda, lamber sal, comer capim e mexer as orelhas.

1949 – Oriundo da juta enquanto fonte de riqueza no Amazonas, surge no universo folclórico do boi-bumbá Garantido a figura do padrinho do boi. Foram os mais importantes: Osmar Faria, Aldenor Teixeira e Antonio Maia.

1958. – Despede-se o pandeiro, o último instrumento dos tempos da transição folclórica a ser extinto do ritmo do boi-bumbá Garantido e da própria cultura do boi-bumbá de Parintins. Ambrósio registrou compondo:

*Adeus, morena
Vou levar boi na campina*



*E vamos indo, ouça o toque do tambor
E não repare, oh meu amor
Que o meu pandeiro
Orvalho da madrugada molhou.*

-Em razão da existência das alianças de bois no universo folclórico da Cultura do boi-bumbá de Parintins, inserção folclórica inspirada nas epopéias da segunda guerra mundial, e porque era amigo pessoal do Poeta Fundador, com o seu consentimento Maximiano Barbosa funda, em Barreira do Andirá, um boi-bumbá Garantido.

-Zé Foguete é nomeado professor no vilarejo de Ipiranga, região do Lago Grande do Andirá. Uma vez ali, levado pela saudade do brincar de boi em São José, por sugestão dos moradores e com o consentimento do Poeta Fundador ele funda o boi-bumbá Garantido de Ipiranga, que também se apresentava na cidade de Barreirinha e pelas ribeiras das terras firmes pelas lonjuras do rio Andirá. Ao retornar em definitivo para Parintins, e porque os homens não se interessaram as mulheres de Ipiranga se vestiram em vermelho e branco e prosseguiram brincando o boi-bumbá Garantido de Ipiranga a cada temporada junina.

1960 – Com os ensinamentos, consentimento e assessoria do Poeta Fundador Luis Freire funda o boi-bumbá Garantido do lago do “Buiuçu”, rio Andirá.

1961- Morre Luis Gonzaga, o quinto dono deste boi Caprichoso.

-Por influência das revistas em quadrinhos, como: Texas, O Zorro e outras mais, o tuxaua **J. B. Santos** substitui a figura do índio brasileiro, no universo folclórico do Garantido, pela figura do índio americano. Surgem as tribos Os Tontos, índios vestidos em *lamê*, partindo do tuxaua até o meio do cordão; daí até o final os índios usavam apenas uma pena no capacete ao estilo do índio Tonto, parceiro do Zorro, o herói. Anos depois, o radialista, artista e compositor Bené Siqueira, hoje no boi Caprichoso, seria o último coordenador da tribo Os Tontos.

-É iniciada a construção da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, em função dela será criado o Festival Folclórico de Parintins.

-O compositor **Braulino Auzier** brinca de vaqueiro e responde como chefe de vaqueirada em São José. Nesta condição ele inventa a estrela na ponta da lança dos vaqueiros. No centro da estrela é introduzido um coração confeccionado em papel crepom vermelho e, dentro do coração é colocado lâmpadas à pilhas, extraídas de lanternas convencionais também à pilhas, cuja comutação ficava na virilha do vaqueiro.

1962 - A luz elétrica, inserida por Braulino, no ano anterior, estava na copa do chapéu do nosso conjunto folclórico. Ele acabava de introduzir a luz elétrica no universo folclórico da cultura do boi-bumbá de Parintins e a história do *coração* em São José. Anos mais tarde, pelas mãos do artista Jair Mendes, aquele coração iria para a testa do boi Garantido; seria a sua logomarca.

- Com a morte de Luis Gonzaga o boi Caprichoso é vendido para o Paraná de Parintins, mas é resgatado por Nilo Gama, genro do falecido, que juntamente com José Luis de Menezes



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

assume o comando do boi. Ao final da temporada junina o boi é abandonado e Ervino Leocádio o leva para a região do Aninga. Assim começava a segunda solidão folclórica e o Garantido voltava a ser o único boi-de-pano existente em Parintins. Todavia, era preciso caminhar.

-Zé Foguete inventava o Bailado Corrido, aconteceu em razão do crescimento do nosso conjunto folclórico provocado pela vinda de muitos brincantes do bairro da Francesa, uma vez que o boi Caprichoso já não existia em Parintins. Na época, mais de 150 brincantes vieram de lá e por conta disso as fileiras do ritmo vermelho e branco chegava a fazer uma enorme curva de tanto que havia crescido. Era preciso animá-los, manter a simetria e, para que não parassem de bailar, Zé Foguete e seus monitores se deslocavam bailando de uma ponta a outra do cordão folclórico bailando quase correndo. Daí o nome: *Bailado Corrido*. Eram aqueles animadores, Zé Foguete, Raimundo Barbosa, Lili Juruti e Antônio do Gregório. Em 1964 o bailado corrido estava consolidado em São José.

-Ironildo Costa da Silva, filho do brincante pioneiro Jurandir Mecânico, inventava a figura do toureiro. O próprio inventor foi primeiro. Depois dele vieram Roberto Brandão, Braulino Auzier, ...o último toureiro em São José foi Evaldo Apolônio da Silva, o folclorista Shaolim. A figura do toureiro vai desaparecer ao final dos anos 1980.

-Deusdite Venâncio (Didi Faz-tudo), também conhecido por "Dikanel", a convite do Poeta Fundador, deixa o boi contrário e vem brincar boi em São José. Ele deixava o boi Caprichoso para ser o mais novo tuxaua do Garantido.

-A convite do governador Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo o boi-bumbá Garantido se apresenta no Festival Folclórico do Amazonas, então editado no Estádio General Osório, hoje Colégio Militar de Manaus.

1963 - Morre dona Xanda (Alexandrina Silva), mãe do Poeta Fundador, fiel devota de São João, zeladora e primeira lamparineira oficial na história do Garantido. Assume como lamparineiro, em seu lugar, o Sr. Raimundo Zoada.

1964 – Golpe de Estado. Os militares tomam o poder político e instalam a ditadura no Brasil. Os efeitos são sentidos pela Prelazia de Parintins e levam Dom Arcângelo Cerqua, o primeiro bispo católico de Parintins, a concordar com a criação do Festival Folclórico, como forma de carrear recursos da juta, enquanto fonte de riqueza no Amazonas, para a construção da Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Os filhos da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido: Raimundo Muniz, Lucinor Barros e Xisto Pereira serão os príncipes entre os protagonistas deste marco na cultura do boi bumbá de Parintins.

-O então jovem Fred Góes, filho de *Raul Góes* e de dona *Cilóca*, deixa Parintins e vai para o sul do país, em busca de realizações. Torna-se músico e jornalista. Em São Paulo trabalha em um banco e depois no jornal *A Gazeta*. Conhece e torna-se amigo do poeta *Venâncio Albuquerque*, compositor da canção *Último pau de arara*. Esse vai favorecer o encontro de Fred Góes com o também parisiense Chico da Silva, que iniciava como compositor e sambista. Daquele encontro, surge em 1973, a canção *Cantiga de Parintins*, onde Fred Góes homenageia sua mãe, falecida no ano anterior. 21 anos depois de haver partido, trazido pela saudade e pela *Cantiga de Parintins*, Fred Góes também se apresentaria para de novo brincar o Garantido em São José.

End.: Rua Bugarim, 87 – Q/D, 1º Bloco – Conjunto João Novo
Fone: (92) 3533-4412 – CEP: 69.152-320
Parintins - Amazonas



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

–Sob a orientação e direção do padre Augusto Gianolla, surge na Paróquia da Catedral, a JAC – Juventude Alegre Católica. A JAC era uma unidade em duas frentes; JAC masculina e JAC feminina que, juntas formavam a unidade que evangelizava, alegrava, e encantava esta Parintins daqueles idos. Entre os rapazes, Raimundo Muniz, Lucinor Barros e Xisto Pereira, filhos da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido, que iriam liderar a criação do Festival Folclórico de Parintins.

–Padre Augusto Gianolla já vestindo a camisa da causa, escreve para amigos, parentes e demais colaboradores seus na Itália e consegue os recursos de que precisava para a execução daquele projeto. No terreno, quadrante entre as ruas Armando Prado e Amazonas, paralelo à travessa Clarindo Chaves, espaço entre a casa paroquial, os fundos da capela e da escola da Catedral, ali, com o dinheiro vindo da Itália, a JAC constrói uma quadra que entraria para a história como: a Quadra da JAC. Agnaldo Barros, vice-presidente da JAC e filho da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido foi o construtor.

1965 – Noite do dia seis de junho. Por ocasião da inauguração da quadra da JAC é criado o Festival Folclórico de Parintins.

1966. Raimundo Muniz, em favor do Festival Folclórico de Parintins, vem à Baixa do São José, conversa com João Batista Monteverde, que tinha poder de mando naquele ano, e convida o Garantido a participar. João Batista aceita o convite. Em seguida Muniz vai à travessa Cordovil e conversa com Luisinho da Mica sobre a possibilidade de trazer o boi Caprichoso novamente para Parintins. Acertado entre os dois, da travessa Cordovil, agora em comitiva, seguem para o Aninga. Lá chegando, conversam com Ervino Leocádio e sua esposa, oportunidade em que o boi Caprichoso também é convidado a participar dos eventos do festival. Em razão do convite aceito, Raimundo Muniz e Luisinho da Mica trazem o referido boi para Parintins.

–Lindolfo Monteverde, acometido de derrame, abdica da prerrogativa de amo oficial do Garantido e passa o “xeque-xeque” para seu filho João Batista Monteverde. Ele desce do poder folclórico vermelho e branco para se entregar aos cuidados de dona Antonia, sua esposa, mas não deixa de brincar o seu querido boi-bumbá Garantido.

–O boi-bumbá Garantido participa pela primeira vez no Festival Folclórico de Parintins, abre a cronologia de disputas pelo título de campeão, submete o Caprichoso à sua primeira surra na arena e é proclamado Campeão do festival.

1968. O Garantido inventava e inseria nos cordões folclóricos do boi-bumbá Garantido, e por conseqüência no universo folclórico da cultura do boi-bumbá de Parintins, a figura da Rainha da Fazenda. A bela Maura Falcão foi a primeira em São José.

–Meados sos anos 1960. Com os ensinamentos e com o consentimento do Poeta Fundador Benedito Rodrigues e Deoclécio Belém fundam, no vilarejo de Cristo Redentor, rio Andirá, o boi-bumbá Garantido daquele rincão.

–Ainda em meados dos anos 1960. Com os ensinamentos e com o consentimento do Poeta Fundador, Benedito Carneiro, o Beneditinho, funda no vilarejo de Paraíso, médio Paraná do

End.: Rua Bugarim, 87 – Q/D, 1º Bloco – Conjunto João Novo
Fone: (92) 3533-4412 – CEP: 69.152-320
Parintins - Amazonas



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

Ramos, o boi-bumbá Garantido daquele rincão. Em 1971 esse mesmo boi Garantido será comprado pelo Governo Federal, através do MEB, e assim levado para a cidade de Barreirinha, para ali motivar os adultos a irem à escola se alfabetizar.

1971 – São Paulo. Fred Góes conhece e se torna amigo do poeta e compositor nordestino Venâncio Albuquerque, o compositor de Último pau-de-arara. Venâncio será responsável pelas primeiras toadas do boi-bumbá de Parintins gravadas em disco.

-O Governo Federal, através e em favor do MEB leva o Garantido para a cidade de Barreirinha. Nesse ano o Garantido saiu com apenas 12 brincantes. Em 1972, saiu com 52 brincantes dentre aqueles algumas mulheres, e dentre aquelas mulheres destacavam-se Auxiliadora e Gorete. Depois, por vontade popular o Garantido avermelhou de vez o chão e os taripucuzais da terra de Militão Dutra.

1972 – Edgar Barros, o *Gudú*, empresário de eventos, inaugura o Clube Mangueirão, ao extremo oeste da avenida Amazonas. Sendo ele um cidadão vermelho e branco sempre presente nos bons e maus momentos em São José, o Mangueirão passa a ser de extrema importância para o Garantido. Importantes decisões passam a ser tomadas em suas dependências.

-Setembro, morre dona Cilóca Rolim Góes. A notícia chega a São Paulo e inspira seu filho Fred Góes e Chico da Silva. Eles compõem a Cantiga de Parintins.

1973, 18 de abril. Morre Raimundo Duarte Cid, o Mundico Cid, amigo pessoal do Poeta Fundador, brincante fundador e responsável pelo Garantido durante sete anos.

-Julho, morre Raul Góes (pai). Brincante fundador do Garantido, esposo de dona Cilóca, cunhado e amigo de Lindolfo Monteverde, homem de vida impoluta e com imenso cartel de serviços prestados ao povo de Parintins.

-O artista Jair Mendes é o padrinho do Boi Garantido.

1974 – Em função das últimas pinceladas do artista Irmão Miguel de Pascalle na Catedral de Nossa Senhora do Carmo, o Festival Folclórico de Parintins já não é do interesse da Prelazia. Raimundo Muniz perde a força de gerenciamento e o festival da JAC passa a não ser mais o único. Outras quadras folclóricas começam a surgir.

-A quadra da JAC não mais comporta a demanda de clientes em tempos de festival e porque também incomodava o sono reparador dos padres, da Paróquia da Catedral, por conta disso começa a peregrinação do festival da JAC. O Garantido apóia e acompanha Raimundo Muniz.

1975 – Paulinho Faria é apresentado a Lindolfo Monteverde, que lhe concede a cidadania vermelha e branca e o artista Jair Mendes o constitui apresentador oficial do Garantido.

-Zezinho Faria também é apresentado ao Velho Poeta Fundador que, vendo nele um líder nato, o constitui chefe em São José. Assim começava a Era Faria que, em São José, sem contudo violentar os fundamentos em vermelho e branco, remanejava a cultura do boi-bumbá desta terra, em função do Festival Folclórico de Parintins.

End.: Rua Bugarim, 87 – Q/D, 1º Bloco – Conjunto João Novo
Fone: (92) 3533-4412 – CEP: 69.152-320
Parintins - Amazonas



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

-Com apoio do poeta nordestino Venâncio Almeida, Chico da Silva grava seu primeiro disco. Por imposição de Venâncio, duas toadas do boi-bumbá de Parintins são incluídas: “Chegou o Boi Garantido”, de Vavazinho, e “Sangue de guerreiro”, de Raimundinho Dutra.

-30 de abril. Morre o padrinho Aldenor Teixeira. Silêncio em Parintins, silêncio em São José para que o bairro de São Benedito pudesse prantear o seu amado benfeitor.

-Três quadras folclóricas em Parintins, Três festivais, o Garantido participa e bate no boi Caprichos em todos eles.

1976 – O artista Jair Mendes implanta a arte plástica no universo folclórico do boi-bumbá Garantido e, por consequência, na cultura do boi-bumbá de Parintins.

-26 de maio. Morre o padrinho Antônio Maia, e mais uma vez é descida a cortina do silêncio em São José.

-É editado o primeiro programa de boi pelas ondas do rádio. O programa do Garantido foi o primeiro e Paulinho Faria foi o primeiro apresentador.

-Ouve-se a primeira toada de boi tocada em rádio. A toada foi do Garantido, obra de Vavazinho: *Chegou o Boi Garantido / Todo bonito / Cercado de lanças...*

-Em busca de subsídios para o programa do Garantido, o compositor Manoel Aporcino descobre: Tony Medeiros, Inaldo Medeiros, Thanga e Paulinho DU Sagrado.

-O artista Vandir Santos inventa os QGs no universo folclórico do boi-bumbá Garantido, na verdade, galpões, residências ou qualquer espaço cedido para confeccionar alegorias. QGs, em função da ditadura militar então existente.

-O boi-bumbá Caprichoso, alegando que os promotores do Festival Folclórico eram pró Garantido se recusam em disputar o título de campeão. Resultado: naquele ano houve festival mas não houve disputa.

1979 – Vandir Santos inventa as alegorias em módulos.

-05 de julho. Morre Lindolfo Marinho da Silva, o poeta popular Lindolfo Monteverde também exaltado pelos filhos da sua poesia como: O Poeta Fundador, O Velho Poeta, O poeta que cantava e que encantava, Mestre Lindolfo..., O Príncipe do São José.

-O saudoso Senador João Bosco Ramos de Lima se encontra em Parintins por ocasião do Festival, e na condição de convidado especial ele é o presidente da mesa de jurados. O Garantido apresenta as primeiras alegorias em módulos, “A Aparição do deus-sol”, que levantou as arquibancadas, é proclamado campeão pelo senador, mas é “garfado” o seu título de campeão pelo mesmo senador. Por conta disso o compositor e cancionista Edmundo Pitombeira, ilustre filho da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido que antes exaltava, agora partia em cima do Senador para esbofeteá-lo. Veio a polícia e o resto se há de imaginar.

End.: Rua Bugarim, 87 – Q/D, 1º Bloco – Conjunto João Nove
Fone: (92) 3533-4412 – CEP: 69.152-320
Parintins - Amazonas



1980 – Uma vez itinerante, o Festival Folclórico de Parintins, numa parceria entre a prefeitura Municipal e a Liga Desportiva, passa ser editado no Estádio Tupi Cantanhede. O Garantido referenda a decisão.

– É inserida a figura da Mis do boi no universo folclórico do boi-bumbá Garantido. Naqueles dias Maria Emília Barreto, jovem, bela e solteira, havia sido eleita Mis Amazonas e não conhecia nem Parintins nem o Garantido. Convidada por Graça Faria, que a vira desfilando pela televisão, ela desce o rio e se apresenta em São José para desfilando sua beleza de Miss na arena do festival em favor da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido. Ela gostou, foi ficando e acabou seduzida pelo fascínio do Touro Branco dos Poetas. Apaixonada por Zezinho Faria, os ideais dele passam a ser os ideais dela e a terra do seu amado logo seria a sua nova terra. Maria Emília abandona as passarelas, as viagens representativas e se entrega de corpo e mente à família que constituía, à causa desta Parintins, que a recebeu sorrindo e que se fez amada por ela, e da causa da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido.

1981 – O artista e compositor Gil Bola inventa e insere as estruturas de ferro na confecção das fantasias indígenas, particularmente nos capacetes. Até então as armações eram feitas de filamentos cipó, de tecido e outras criatividade. Sua feliz inserção vai possibilitar os capacetes gigantes dos itens: tuxauas-luxo e tuxaua-originalidade.

-Adriana Alves, a Miss Brasil daquele ano, veio a Parintins para brincar o boi-bumbá Garantido. Ela brincou em vermelho e branco exibindo sua faixa de Miss.

-Por muito pouco o boi Caprichoso não protagonizou uma tragédia no Tabladão. O artista Jair Mendes fez uma cobra-grande que deveria engolir uma tribo de índios; a saída dos engolidos seria por um alçapão sob a cobra. E a cobra danou a engolir índios... Aconteceu que o Caprichoso, que havia se apresentado primeiro, fechou o alçapão com pregos enormes e ninguém se apercebeu. Os engolidos, sem poder sair, iam se acotovelando dentro daquele ambiente estreito. Sem oxigênio para respirar, começaram a passar mal. Contam até que um gaiato ainda achou de soltar um pum fedorento, há de se imaginar. Zezinho Faria percebeu a demora e agiu rápido. Analisada a situação, o artista Jair Mendes era o caso mais grave e teve de ser removido imediatamente ao hospital. Se Zezinho Faria demorasse um pouco mais...

-No bairro de São Benedito, rua Júlio Belém, no quintal de dona Luiza Barros Dimico Barros e Marlene, além de outros companheiros, aperfeiçoam o velho Bailado Corrido. Lapidado, em seguida levado para o curral em São José, há de prevalecer por 15 anos. Desaparece em 1995, ao comando de Ocivaldo Teixeira, o Codó.

-Centenário da Cidade de Barreirinha. Evento realizado no Estádio Presidente Médice, com a presença do saudoso governador José Lindoso, do ex-reitor da UA ora UFAM Prof. Anderson Dutra e o boi-bumbá Garantido figura entre os convidados especiais. Representado a sua poética vermelha e branca se encontra o artista Jair Mendes, mas o que realmente chamava atenção no centro do estádio era um capacete gigante, confeccionado em madeira, decorado com penas ali mesmo fabricadas artesanalmente e com florestais.



1982 – 9 de maio. É criada a *Associação Folclórica Boi-bumbá Garantido* e o idealizador dela, Raimundo Rui Mendes, é o decano número um. Zezinho Faria é o primeiro presidente. Eis, portanto, a cronologia de presidentes em São José:

- 01– Zezinho Faria (duas vezes)
- 02– Émerson Maia
- 03– José Walmir Martins de Lima (cinco vezes)
- 04– Erivaldo Maia
- 05– Aderaldo Prestes
- 06– Fred Góes
- 07– Francisco das Chagas Ribeiro
- 08– Jair Mendes
- 09– Ronildo Monteverde
- 10– Raul Góes Filho
- 11– Antônio Andrade Barbosa
- 12 – Vicente Nunes de Matos (duas vezes).

–Retorna de Manaus o jovem professor de Educação Física e artista plástico Airton de Carvalho Teixeira, o “Ito Teixeira”, sobrinho do lendário Vavazinho, que junta-se a Amarildo Teixeira, filho do referido poeta e iniciam o resgate da figura do índio brasileiro, que havia perdido espaço no boi para o índio americano no universo folclórico da cultura do boi-bumbá de Parintins. O protótipo daquele trabalho é o experimento em 1984. Em 1993, agora pelas mãos dos poetas, Inaldo Medeiros e Tony Medeiros, seria *o ritual*, fundamento do que hoje se entende como o “Boi da Amazônia” no Festival Folclórico de Parintins.

–Inspirado naquele capacete gigante visto em Barreirinha o artista Jair Mendes insere no universo folclórico do boi-bumbá Garantido e, por consequência, na Cultura do boi-bumbá de Parintins, os capacetes gigantes; os mais novos itens de pontuação no festival folclórico e tivemos então: Capacetes luxo e capacetes originalidade.

–A empresária Sadie Hauache visita Parintins e participa dos eventos do Festival Folclórico no Estádio Tupi Cantanhede. Na oportunidade, o radialista Edu Costa vai até ela e coloca o próprio chapéu na cabeça da ilustre mulher. E mais, constitui dona Sadie Hauache madrinha do Garantido, cuja vitória, também a ela é oferecida.

–Em Belém-PA, Dr. Omir Faria idealiza o banho de cheiro e envia a proposta para a Baixa do São José. Proposta aprovada, mas o banho de cheiro só seria realidade dois anos depois.

1983 – Uma vez que o Caprichoso recusou-se em participar do Festival Folclórico, o Garantido enfrentou e bateu o boi-bumbá Campineiro na arena do festival

–Acontece a primeira crise interna na Era Faria. Magoado por desentendimentos, em São José, Zezinho Faria deixa o comando do Garantido. Émerson Maia assume interinamente.

–O Caprichoso se recusa a disputar com o Garantido, ele sabe que a surra é inevitável. Naqueles dias Camóca Leocádio havia fundado um boi Campineiro e, Cardovam, gerente do Banco da Amazônia, juntamente com outros contrários vão até ele. Feito os acordos, o Campineiro



do Camóca é preparado para enfrentar o Garantido na arena do festival. O Campineiro é nocauteado sem piedade.

1984 – O Garantido faz acontecer o primeiro banho de cheiro no festival.

1985 – Ainda em busca de subsídios para o programa do Garantido pela Rádio Alvorada, Manoel Aporcino encontra Raimundo Lúcio Tenório, Roseane Tenório e Joaquim Tenório dos Santos, três adolescentes pioneiros ornamentando a rua Júlio Belém. Seguidos por tantos outros depois de serem exaltados por Paulinho Faria pelas ondas do rádio, eles acabavam de inventar a ornamentação das ruas da cidade.

–Após 21 anos de ausência, Fred Góes retorna a Parintins. Aqui chegando, estava novamente em São José.

–A professora Lurdes Bagatéli consegue a façanha de fazer um povo chorar; os filhos da poética vermelha e branca do boi-bumbá garantido. Ela proporcionou o histórico quanto escandaloso 5 a 1, que fez o poeta Fred Góes cantar chorando:

*Vou levantar minha toada
Quando a lua lá no céu iluminar meu boi
Brincando para o meu povo
Brilhando como as estrelas
Fazendo tudo de novo
5 a 1 vai virar 6 quando o Garantido urrar
Ai é que eu quero ver
Toda ilha estremecer
A poeira levantar
Dando a volta por cima
Com todo mundo a cantar
Viva o encarnado e branco
Campeão deste lugar.*

1985 – 20 de maio. Morre o radialista Messias Augusto das Neves, ilustre filho da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido. Em tributo à sua memória, o primeiro Bumbódromo passa se chamar: Anfiteatro Messias Augusto, o nome dele.

1986 – Na condição de candidato a governador do Amazonas, o Dr. Amazonino Mendes visita Parintins nos últimos dias do Festival Folclórico daquele ano. Fica encantado e quando ao retornar, para a capital, promete construir o atual Bumbódromo. O amo do Garantido, João Batista Monteverde, versejou em sua exaltação na arena do “Anfiteatro Messias Augusto”.

–Provocada pela primeira versão da novela Sinhá Moça da Rede Globo de televisão, o Garantido inventa e faz inserida no universo folclórico da cultura do boi-bumbá de Parintins a figura da Sinhazinha da Fazenda.

–Júlio Viana, sobrinho do folclorista e versador Maximiano Barbosa, leva a cultura do boi-bumbá de Parintins para Manaus.



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

1987 – Na residência de dona Maria Ângela Faria surge o grupo Regional Vermelho e Branco, cantando a poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido. Era o primeiro conjunto musical em Parintins especializado em toadas de boi.

-O governador Amazonino Mendes derruba o Anfiteatro Messias Augusto e inicia no local a construção do atual Bumbódromo.

1988 – 24 de junho, o novo Bumbódromo é inaugurado.

-O líder sindical e seringueiro Chico Mendes é assassinado em Xapuri, Estado do Acre. O fato estronda forte na mídia, e Chico Mendes é constituído herói universal. A história ressoa forte na poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido e vira poesia em São José.

1989 – Zezinho Faria se afasta em definitivo do comando do Garantido. Começava o fim da Era Faria em São José. Novos tempos iriam começar.

- O Garantido abraça a causa da preservação do meio ambiente e presta tributo a Chico Mendes, o herói seringueiro morto.

1991 – Em função do ritual, em acabamento, ou do que ora se entende como o “Boi da Amazônia” é iniciada em São José a série de toadas sob encomenda.

-O poeta e compositor parintinense, Chico da Silva, a convite de Paulinho Faria, deixa o seu querido boi Caprichoso e vem brincar o boi Garantido.

1992. – Era tamanha a dificuldade do Garantido que o presidente Erivaldo Maia não hesitou em vender um complexo de beneficiamento de pau-rosa, deixado pelo saudoso padrinho Antônio Maia, seu pai. O empresário Mário Viganó comprou, e o Garantido pôde então se apresentar na arena do festival.

1993 – O slogan do Garantido para o Festival Folclórico é o rio Amazonas, “este rio é minha vida”. Belas toadas foram compostas e cantadas naquele ano.

-Chico da Silva inventa e insere o verbo Garantiar no dicionário da poética vermelha e branca, em São José. Portanto, Garantiar significa: optar pelo Garantido. Garantiei: optei pelo Garantido. Garantindo: optando pelo boi Garantido. Garantido: sou Garantido.

1994 – O Colégio Estadual Senador João Bosco revela o talento de Israel Paulain como apresentador de boi. Ele tinha doze anos de idade.

-A bela Jaqueline Marques, Cunhã-poranga do boi-bumbá Garantido, sofre lamentável acidente quando em evolução. Ela fratura as pernas na arena do bumbódromo.

1995 – Bumbódromo, noite de 29 de junho. O menino Israel Paulain é apresentado por Paulinho Faria aos filhos da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido.



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

-Brincando o boi-bumbá Garantido, em São José, o dançarino e coreógrafo Jonatham insere o novo bailado no universo folclórico da cultura do boi-bumbá de Parintins. (Jonatham é hoje o cantor e compositor TUAN)

-Inaldo Medeiros deixa Parintins e passa a residir em Manaus, onde faz e consolida parceria com Edval Machado, e os dois passam a compor toadas.

-A filosofia político/partidária, destrona a o princípio e a própria filosofia folclórica, em São José, e o boi-bumbá Garantido acaba nas mãos dos políticos. Tudo modifica, é tanto sócio gravitando em torno de presidentes oriundos dos partidos políticos, e lá se vai mais uma promessa de voto em detrimento do que poderia ser investido em aprimoramento de recursos humanos em real favor do boi-bumbá Garantido e, por consequência, da cultura do boi-bumbá de Parintins.

-Dezembro. Menciuz Melo e Marco Aurélio Medeiros decidem vir a Parintins para conversar com o novo presidente, Zé Walmir.

1996 – O presidente José Walmir transfere o curral do Garantido para as margens da verdadeira Baixa do São José e institui a Cidade Garantido.

1997 – A publicitária Liduína Mendes, a convite de Tadeu Garcia e de Roseane Novo, recebe sua cidadania vermelha e branca na Cidade Garantido. No mesmo ano escreve o livro *Entoada* que é publicado no ano seguinte.

-O sociólogo Ângelo César Brandão Pimentel (Ângelo Brandão) publica sua monografia *As Toadas do Boi Garantido*.

1998 – O filósofo Antonio Andrade Barbosa é Diretor Financeiro em São José, gestão de Raul Góes Filho.

-Outubro. Informado de que Basílio Tenório há anos pesquisa a cultura do boi-bumbá de Parintins, Antônio Andrade Barbosa chama-o para conversar. Frente ao escritor ele fala da sua pretensão de ser presidente do Garantido, do seu projeto de resgate histórico do Garantido, da própria cultura do boi-bumbá de Parintins e convida o escritor a executá-lo. O escritor aceita o desafio e assim começaram as iniciativas denominadas: “Projeto de Resgate Histórico do Boi-bumbá Garantido” que, por razões que se entrelaçam, passou a denominar-se: Projeto de Resgate Histórico da Cultura do Boi-bumbá de Parintins que envolve: resgate fonográfico, iconográfico, poético... que haveria de partiturar toadas, editar livros, CDS, DVDS, criar memoriais, etc.

-O fotógrafo Andréas Valentin e o jornalista Paulo José Cunha publicam o livro: *Vermelho, um Povo Garantido*.

1999 – Chico da Silva resgata a poética da rivalidade, então refém da intolerância e de tantos outros interesses perversos no universo da cultura do boi-bumbá de Parintins compondo, em parceria com Tadeu Garcia e Roseane Novo, “Sonho de liberdade”:

Boi Garantido

É histórico e sabido

Que o mestre Lindolfo Monteverde

End.: Rua Eugênio 87 - O/D, 1º Bloco, Conjunto João Novo

Fone: (92) 3533-4412 – CEP: 69.152-320

Parintins - Amazonas



*Aos dezoito anos de idade contigo sonhou
Boi Garantido
O sonho de Lindolfo Monteverde
Do poeta a oitava maravilha se realizou
Toma a liberdade do teu povo
Vamos construir um espaço novo
Pra Nação Vermelha e Branca tribal
Vamos vencer, Boi Garantido
Vamos vencer, e o inimigo fazer correr
Pra bem longe do seu curral
Estamos aqui para o que der e vier
Só tua vitória é o que a gente quer
Vence meu novinho vencedor
Briga meu garrote brigador
Balanceai, desafiái
Ginga meu boi, ginga meu boi, ginga meu boi, é boi
Brinca, brinca Garantido
Como teu mestre mandou
Mostra pra nossa galera
Que o mais querido chegou
Fazendo inveja ao contrário
Que sempre te invejou.*

2000 – Antônio Andrade Barbosa é candidato a presidente em São José e seu oponente é o ex-presidente Zé Walmir Martins de Lima. Os filhos da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido se dividem, é briga de titãs nas alamedas da Cidade Garantido e o termômetro para tanto calor são os nossos artistas.

–É Ano de novas revelações em São José. Em toada de desafio, destacou-se o cantor e compositor Ricardo Lira com a toada “Não venha me desafiar”, em parceria com Marcelo Dourado e Paula Perrone. Em toadas para ritual destacaram-se os mais novos compositores: Rosinaldo Carneiro, Marlon Brandão e Aldisom Leão.

–**27 de agosto**, domingo, dia de eleições em São José. Antônio Andrade Barbosa é eleito presidente do Garantido.

2001 - No universo do seu Projeto de Resgate Histórico, em São José, Antonio Andrade Barbosa manda editar o primeiro CD antológico do Garantido. – É o CD contendo toadas de boi mais ouvido nos dias correntes, seja em Parintins ou por aí afora.

2002 – O projeto de Resgate Histórico de Antonio Andrade Barbosa não está agradando aos príncipes municipais, aos príncipes do boi Caprichoso, da Comarca de Parintins, da Justiça do Amazonas, aos interesses políticos e pessoais encastelados em São José e principalmente aos que estatizaram a Cultura do boi-bumbá desta terra. É preciso deter o Presidente Negro. – Antonio Andrade Barbosa, como o Poeta Fundador, é descendente de negros.



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

-Antonio Andrade Barbosa é candidato à reeleição; o ex-presidente José Walmir Martins de Lima é candidato a presidente em oposição. Antonio Andrade defende a teoria do resgate da cultura do boi-bumbá de Parintins, assim como as edições do Festival Folclórico para o controle do povo de Parintins; José Walmir, uma vez político militante, detentor de mandato e soldado de quem estiver no poder político defende os interesses dos príncipes estatais. Antes amigos, os candidatos agora são inimigos ferozes.

- Os filhos da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido se dividem em dois grandes grupos que se degladeia entre si: um liderado pelo então presidente Antonio Andrade Barbosa, outro pelo ex-presidente José Walmir Martins de Lima. E porque tudo começou no ano anterior, 2001, instante histórico em que os Estados Unidos da América e seus aliados invadiam o Afeganistão. Era a aliança do norte contra os talibans; radicais islâmicos que lutavam pela própria manutenção no poder afegão. E porque a cultura do auto do boi, em qualquer das suas variáveis, procede da especulação da realidade histórica, segundo a mídia, o grupo de Zé Walmir era a aliança do norte e o grupo de Antônio Andrade, os talibans. Curiosamente "Os Talibans" faziam questão de se identificar, já os seguidores de Zé Walmir não se identificavam. Enquanto isso, um consórcio de interesses envolvendo: Prefeitura Municipal de Parintins, Câmara Municipal de Parintins, Comarca de Parintins, a Imprensa de Parintins, Príncipes do Governo do Amazonas, Príncipes da Justiça do Amazonas, Boi-bumbá Caprichoso e o grupo liderado por José Walmir, partiam não apenas para ganhar uma eleição, mas para destruir moral e profissionalmente o senhor Antonio Andrade Barbosa. Desfeito aquele consórcio de interesses desfez-se também a "Aliança do Norte", mas "Os Talibans" prevaleceram em São José.

2003 – O Sr. Antonio Andrade Barbosa, agora ex-presidente, é expulso do quadro de sócios do boi-bumbá Garantido, na calada da noite.

-O temor de que o Sr. Antônio Andrade Barbosa retornasse ao quadro de sócios do Garantido, via justiça, que se lançasse candidato a presidente e sempre na tentativa de aniquilar com o prestígio dele em São José, abrem-se inscrições de novos sócios. Até gente, sócios do boi Caprichoso se tornaram sócios do Garantido. O fato é que de 918, o Garantido passou a congregiar quase 2000 sócios.

2004. Por muito pouco a poética da rivalidade não voltava à condição de refém da intolerância e de outras tantos perversos interesses na cultura do boi-bumbá de Parintins. Aberta oficialmente a temporada de boi em Manaus, o governador Eduardo Braga "pede" que Garantido e Caprichoso brinquem juntos. Durante as noitadas, cada bumbá se apresentava por uma hora. Em seguida tinha que descer do palco para que o outro pudesse se apresentar. Ainda a seu "pedido" ninguém verseja nem levanta toada de desafio, além de outras providências neste sentido, não no sambódromo, em Manaus. Em comparativo com os anos anteriores, quase não houve visitantes em Parintins por ocasião daquele Festival Folclórico. – A rivalidade é fundamento da cultura do boi-bumbá de Parintins.

-Junho de 2004. Rui Mendes negocia o encontro entre Basílio Tenório e Zé Walmir, o qual insiste em se encontrar com o escritor. Na Câmara Municipal, onde o Garantido era administrado, Zé Walmir o envia até Vicente Nunes de Matos. O próprio Rui Mendes leva o escritor à presença do futuro presidente do Garantido. Conversaram pouco, mas o suficiente para



que o Projeto de Resgate Histórico da Cultura do boi-bumbá de Parintins, idealizado por Antonio Andrade Barbosa e executado pelo escritor voltasse ser do interesse do Garantido.

-Julho de 2004. Vicente Nunes de Matos apresenta Basílio Tenório ao Coronel Suzano. O encontro entre os dois acontece. Conversaram bastante, e o ilustre soldado deixou o restaurante "Pedaço de Paz" respirando a mais pura essência da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido. Saiu Garantido, para ser mais exato. Uma semana depois, em nome do Garantido, Basílio Tenório o visitava em seu gabinete de trabalho, em Manaus, e teve a oportunidade de conhecer o funcionamento do SIVAM. O fato foi que, pelo tratamento dispensado ao ilustre soldado e à sua missão em Parintins, e pela sua calorosa recíproca, fortes laços passaram a acontecer entre o Coronel Suzano e o boi-bumbá Garantido.

-Outubro de 2004. - Morre Dr. Edval Machado, auditor da Receita Federal, ilustre filho da poesia do Poeta Fundador. O amor pelo Garantido, levou-o à parceria com Inaldo Medeiros, e o resultado foi poesia. Aliás, muitas poesias em forma de belas toadas.

02 de dezembro de 2004. - Morre *Raimundo Muniz*, o ilustre filho da poética vermelha e branca do boi-bumbá Garantido que, em 1965, ajudou fundar o Festival Folclórico de Parintins.

2005, 11 de janeiro. A Câmara Municipal de Parintins referenda a decisão de mudança da data do Festival Folclórico de Parintins, até então 28, 29 e 30 de junho. Não será uma data fixa, se a idéia é a de aproveitar o último fim de semana do mês de junho.

17 de setembro de 2005, uma hora da manhã. Depois de breve agonia em um leito do re Raimundo Rui Mendes, o Rui Mendes. Um infarto o matou. Criador e decano número um da Associação Folclórica Boi-bumbá Garantido, que os seus feitos em Parintins e a sua saudade sejam sempre lembrados, contados e cultuados com justiça; seja pelos amigos e familiares que deixou, seja pelos filhos da poética vermelha e branca que ainda estão por vir, porque como Edval Machado, como Raimundo Muniz e tantos outros pioneiros nossos que já se encontram nas pradarias do céu, Rui Mendes também é grande em São José.

2007 – 15 de janeiro. A convite do Instituto Geográfico e Histórico de Parintins-IGHP o Superintendente do IPHAN, arquiteto Bepi Sarto Neves Cirino e sua comitiva, visitam Parintins. À tarde do mesmo dia o boi-bumbá Garantido recebe a visita do IPHAN; em seguida o IPHAN visita o boi-bumbá Caprichoso. Ainda no mesmo dia, verificando a estrutura física, folclórica, histórica, artística dos referidos bumbás, o Superintendente do IPHAN instrui o presidente deste Instituto, Basílio Tenório, em como proceder para provocar o registro da Cultura do boi-bumbá de Parintins como Patrimônio Cultural Brasileiro.

07 de abril – De acordo com as instruções recebidas o Instituto Geográfico e Histórico de Parintins-IGHP envia à 1ª SR-IPHAN, em Manaus, o Ofício Nº 065/2007 solicitando, entre cinco itens, o inventário da Cultura do boi-bumbá de Parintins, como estágio primeiro para se chegar ao seu processo de registro como Patrimônio Cultural Brasileiro.

07 de maio – Ainda de acordo com as instruções e conforme Ofício Nº 065/2007 o Instituto Geográfico e Histórico de Parintins-IGHP envia à 1ª SR-IPHAN, em Manaus, os primeiros subsídios históricos, particularmente da Cultura do boi-bumbá de Parintins.



26 de junho – provocado pelo artigo intitulado: **Boi-bumbá igual ao nosso não há em lugar nenhum**, publicado no jornal **A Crítica**, tendo Basílio Tenório entre os entrevistados em Parintins, o Governo do Amazonas se apressa em iniciar os procedimentos legais para registrar a Cultura do boi-bumbá de Parintins como Patrimônio Cultural Brasileiro.

-Histórico do boi-bumbá Garantido no Festival Folclórico de Parintins:

| Garantido, campeão em... | Caprichoso, campeão em... |
|---|---------------------------|
| 1966 | 1969 |
| 1967 | 1972 |
| 1968 | 1974 |
| 1970 | 1977 |
| 1971 | 1979 |
| 1973 | 1985 |
| 1975 (três vezes) | 1987 |
| 1978 | 1990 |
| 1980 ... campeão | 1992 |
| 1981 ... bi-campeão | 1994 |
| 1982 ... tri-campeão | 1995 |
| 1983 ... tetra-campeão (com o boi Campineiro) | 1996 |
| 1984 ... pentacampeão | 1998 |
| 1986 | 2000 |
| 1988 | 2003 |
| 1989 | 2007 |
| 1991 | |
| 1993 | |
| 1997 | |
| 1999 - campeão | |
| 2000 – bi-campeão | |
| 2001 – tri-campeão | |
| 2002 – tetra-campeão | |
| 2004 | |
| 2005 | |
| 2006 | |

-**Primeiros dias de agosto de 2007.** Terceiro Seminário para avaliação do Festival Folclórico de Parintins. Tal como em outros eventos Basílio Tenório, filho da poesia do Poeta Fundador, é o representante do Garantido.

-Por deliberação unânime dos que discutiam o Registro da Cultura do boi-bumbá de Parintins como Patrimônio Cultural Brasileiro, a UFAM-Universidade Federal do Amazonas é escolhida como base de operações e o seu Diretor, Professor Jéferson da Cruz, é constituído o articulador em Parintins. Cristian Pio D’avila, representante Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, solicita a Basílio Tenório que escreva o histórico do boi-bumbá Garantido.

-Primeiros dias de setembro. Outra reunião pró-registro da Cultura do boi-bumbá de Parintins, no auditório da UFAM, em Parintins. Basílio Tenório se faz presente, mas já não é o representante do Garantido. O sr. Adson Silveira é o novo representante; o presidente reeleito Vicente Nunes de Matos assim o quis.



INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE PARINTINS

CNPJ Nº 07.300.271/0001-01
Fundado em 04 de março de 2005

-Meados de setembro. Cristian Pio D'Avila cobra de professor Jéferson o histórico do Garantido. Professor Jéferson procura Basílio Tenório, que enfatiza seu descredenciamento de representante do Garantido neste processo, mas se compromete em escrever o histórico do boi.

-Para não conflitar com o Presidente Vicente Nunes de Matos e porque a história do boi-bumbá Garantido se entrelaça à história do boi-bumbá Caprichoso e, portanto, à história da Cultura do boi-bumbá de Parintins e ainda porque foi convidado pela própria Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, Basílio Tenório resolveu escrever o Histórico do boi-bumbá Garantido enquanto Presidente do Instituto Geográfico e Histórico de Parintins-IGHP, até porque a proposta é a de registrar a Cultura do boi-bumbá de Parintins como Patrimônio Cultural Brasileiro e não os seus mais importantes aspectos, neste caso o boi-bumbá Garantido e o boi-bumbá Caprichoso.

Eis, portanto, o motivo deste documento direcionado ao IPHAN.

Parintins, 20 de setembro de 2007.

Basílio José Tenório de Souza
Presidente

Histórico do boi-bumbá Campineiro, do Aninga.

O boi-bumbá Campineiro, do Aninga, surgiu em junho de 1941 fundado pelos irmãos: Luis Andrade e Mariano Andrade. Além dos já citados irmãos, foram os destaques entre os seus brincantes fundadores:

Emídio Souza: Vizinho e amigo dos irmãos fundadores; brincou de vaqueiro e foi o primeiro chefe de vaqueirada oficial do boi Campineiro.

Manduquinha Auzier: Versador, poeta popular e cancionista; era mais jovem que Emídio Souza e também vizinho e amigo dos irmãos fundadores; brincou de amo e, por conta disso, foi o primeiro amo oficial do boi Campineiro.

Kidóco (Euclides Teixeira): Poeta e cancionista, compositor de toada, brincou de cantador e, também por conta disso, foi o primeiro cantador oficial do boi-bumbá Campineiros do Aninga.

Dona Cassiana: Então jovem esposa de Emídio Souza. Dona Cassiana não brincou nos cordões folclóricos do boi-bumbá Campineiro, mas entendendo que aqueles pioneiros precisavam dela para ornamentar o terreiro, confeccionar o vestuário dos brincantes e demais detalhes essencialmente femininos para que boi pudesse se apresentar ela tomou a frente e, praticamente só, preparou o boi-bumbá Campineiro para a sua primeira apresentação.

No ano seguinte os irmãos fundadores mudaram-se, em definitivo, para o rio Uaicurapá. E porque abandonavam o boi-bumbá Campineiro, dona Cassiana, em concordância com o “Mestre Emídio” levou o boi para a sua casa e o fez balancear bonito em seu terreiro. A partir daquele ano de 1942, portanto, o boi-bumbá Campineiro passaria ser conhecido em toda redondeza como “O Boi da Cassiana”.

Convém ressaltar que o ano de 1941 fora, de certa forma, atípico no universo folclórica da Cultura do boi-bumbá de Parintins. Foi na temporada junina daquele ano que a *Poética Vermelha e Branca do boi-bumbá Garantido* e a *Poética Azul e Branca do boi-bumbá Caprichoso* se estenderam seja para o interior de Parintins como para o município de Barreirinha, onde surgiam outros bois Garantido e outros bois Caprichoso, respectivamente. Foi também naquele ano de 1941 que, provocado pelas reportagens oriundas do palco das hostilidades na segunda guerra mundial, aconteceu a “primeira grande guerra” entre Garantido e Caprichoso, fato aquele que provocou:

- a) A prisão do boi-bumbá Caprichoso e quarenta e dois membros do seu conjunto folclórico, na verdade o coube nas celas da delegacia;
- b) O Capitão Idelfonso a queimar o boi Caprichoso em praça pública;
- c) O surgimento da rivalidade perigosa;
- d) O surgimento da Poética da Rivalidade
- e) O surgimento dos “arcos de aliança”



HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ MIRIM TUPI 2008.

No dia 04 de novembro de 2004 as 20:32 horas, em frente à casa de Dona Maria, localizado na Av. Geny Bentes no Bairro do Itaúna I, nesta noite em uma roda de amigos, deram a idéia de criar um boi bumba mirim, juntos amigos: Inaldo Andrade, Sebastião Garcia, João Pedro, Heliomar Viana, Gideão Teixeira, juntos deram inicio da criação do Boi Tupi, nesta mesma noite definição as cores que representaria o boi, as cores escolhidas foram laranja e branco.

A partir de então, iria representar toda a comunidade dos bairros de Itaúna I, Itaúna II e Paulo Correa no Festival Folclórico de Parintins dos Bois Mirins, a proposta inusitada, a principio foi recebida pela comunidade com certa surpresa, por isso, passaram logo a fazer considerações sobre, as dificuldades que teriam pela frente, a necessidade de material apropriado, a carência de recursos financeiros, a falta de mão de obra qualificada, as dificuldades seriam grandes para superá-las.

Todavia, os argumentos dos jovens amigos, a força de vontade, convenceram a comunidade que sensibilizados resolveu não só colaborar, mas também, de imediato assumiram a coordenação das atividades. Naquela noite, acabara de ser lançada à semente que ao encontro do solo fértil, germinou e como em um passe de mágica, passou a emitir as raízes mais fecundas.

Estava criado o Boi Bumba Mirim Tupi, cujo objetivo maior é ser o canal das manifestações folclóricas, artísticas e culturais dos bairros e da comunidade que o rodeia.

Com a criação do boi e objetivo de incentivar as crianças, têm a finalidade de dar oportunidade as pessoas que não tenham vinculo nenhum com as associações principais.



ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ MIRIM TUPI
Fundada em: 04 de novembro de 2004
Parintins - Amazonas

No dia 07 de outubro de 2006, na Rua Geny Bentes, às 19:30, em Assembléia Extraordinária, conforme Edital de Convocação, em primeiro momento é votar na troca de nome da agremiação e escolha do Presidente, com a finalidade em fazer parceria com o poder público municipal e estadual. O primeiro ficou assim denominado Associação Folclórica Boi Bumbá Mirim Tupi – AFBBMT, em comum acordo Inaldo de Lima Andrade assumiu como Presidente da nova Associação.

Em reunião dia 12 de fevereiro na Casa da senhora Sebastiana às 19:30, em reunião com a diretoria, o Presidente Inaldo de Lima Andrade, pediu afastamento e em seguida assumindo o cargo o Vice-presidente Everton Albuquerque Farias, que a partir de então preside Associação Folclórica.

Com a preocupação de manter a tradição, surge a idéia de defender mais uma vez a Amazônia através da comissão de arte na pessoa de Heverton Farias, com o tema “AMAZÔNIA MISTICA, CAMINHO DAS ÁGUAS”. A temática Cultural do Caboclo, a preservação da floresta e a valorização do nosso índio.

A Associação Boi Bumbá Mirim Tupi com o tema, as crianças do Itauna mostra a luta pela Floresta Amazônica; com amor e Paz com a união dos povos.

Com preocupação em manter dar oportunidade, Associação entra em parceria há dois anos com o Pelotão Mirim, na Coordenação Cabo Cilma Ribeiro e amplia ainda mais com a participação do Instituto IRAPAM - Instituto Raimunda Antonia de Paula Melo, na pessoa do Diretor Presidente Dr. Edmilson Melo de Oliveira e da Vice-Presidente Sra. Paula Frassinetti Silva de Medeiros e pessoas voluntárias nas comissões de Arte e itens, é importante e fundamental na conclusão dos trabalhos. A Associação Folclórica Boi Bumbá Mirim Tupi, certamente mostra o compromisso com a preservação da Amazônia, um compromisso, não só do grupo folclóricos mais também de todos.

ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ MIRIM ESTRELINHA

A F B B M E

CNPJ Nº 08.890.746/0001-20

Fundada em 13 de Novembro de 2005. Registrada no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas do 1º Ofício da Comarca de Parintins - AM, sob o nº 485 fls. nº 110 a 118, Livro A-5, no dia 30/03/2005

HISTÓRICO DO BOI BUMBÁ MIRIM ESTRELINHA

O Boi Bumbá Mirim Estrela, foi criado no ano de 1982, por HUDSON DA SILVA CARMO, carregando as cores vermelho e branco e seu símbolo era uma estrela de quatro pontas, que tinha o objetivo de alegrar as noites de São João, na Comunidade de São Benedito, mais precisamente na Rua Armando Prado. Com intenção de brincar Boi Bumbá, cultura característica no Município de Parintins, o precursor da idéia, reuniu com um grupo de amigos e iniciaram o trabalho.

Assim começa a brincadeira do boizinho de São Benedito, que se apresentava de casa em casa, onde geralmente tinha uma fogueira e fazendo a alegria da criançada e de todos que por ali passavam. Neste momento, era levado para as ruas uma singela batucada mirim, que fazia a festa com tambores confeccionados de latas, crianças vestidas de índios que formavam grandes tribos, e principalmente levavam as ruas os “vaqueirinhos” para resguardarem a segurança do lindo boizinho, curiosamente confeccionado de caixa de papelão.

Por um período de cinco (05) anos a brincadeira se repetiu, mas com o passar do tempo foi caindo no esquecimento, por falta de incentivo aos líderes da brincadeira. Em 1994, surge novamente a idéia de levantar o boizinho, por um outro grupo de amigos, e com o apoio da Escola Estadual Ministro Waldemar Pedrosa, que cedeu o espaço da escola para os ensaios e confeccionar as fantasias do boi, mas sem muito sucesso, pois acabam novamente deixando de continuar a brincadeira.

No ano de 1999, a convite do então Prefeito Eneás Gonçalves, que incentivou e sempre incentiva a cultura no Município, o Boi Estrela toma fôlego e faz uma apresentação especial no Bumbódromo, o que foi um grande orgulho a todos os brincantes e simpatizantes do Boizinho, mais ainda assim, não continuou a se apresentar nos próximos quatro (04).

Em 2004, o boizinho volta ao cenário de apresentações folclóricas. Um novo grupo de amigos assume a história do boi, também com o apoio do Prefeito Eneás Gonçalves e a convite do Presidente das Quadrilhas, na época Alfredo Coelho, que pediu para organizarem o boi para uma disputa que aconteceria no Bumbódromo com o Boi Mineirinho, o que abrilhantaria a

ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ MIRIM ESTRELINHA
A F B B M E

CNPJ Nº 08.890.746/0001-20

Fundada em 13 de Novembro de 2005, Registrada no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas do 1º Ofício da Comarca de Parintins - AM, sob o nº 495 fls nº 110 a 119 Livro A-5, no dia 30/03/2006

abertura do grandioso 39º Festival Folclórico de Parintins e daria início ao **1º FESTIVAL DOS BOIS BUMBAS MIRINS DE PARINTINS**.

Neste contexto, acorreram varias mudanças no boi Estrela, extremamente importantes e que prevalecem até os dias atuais, a despeito do nome, cores e símbolo do boizinho. O nome "Estrela" é substituído por "ESTRELINHA", as cores passam a ser "verde e branco" e o símbolo é uma estrela de oito pontas, mas sem perder a essência da história do Boizinho de São Benedito.

Nesta disputa o Boizinho, atrevidamente, é **CAMPEÃO**, com o tema "PARINTINS TERRA DO MEU BOI BUMBÁ, bem como em 2005 consagrasse **BI-CAMPEÃO** com o tema "ESTRELINHA BRINCADEIRA DE CRIANÇA, A BENÇÃO SÃO BENEDITO, que com certeza essas vitórias vem dando força para continuar disputando, agora no Festival de Bois Bumbas Mirins de Parintins, festa que já faz parte do calendário Festivo de Parintins, e apresentações que são responsáveis pela abertura do citado Festival Folclórico de Parintins.

Atualmente o Boi Estrelinha, responde por Associação **FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ MIRIM ESTRELINHA - AFBME**, fundada em 13 de novembro de 2005, e registrada no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas do 1º Ofício da Comarca de Parintins - AM, sob o nº 495, fls nºs 110 a 119, Livro A-5, no dia 30/03/2006 e em 2007, no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas sob o **CNPJ Nº 08.890.746/0001-20**.

OSMAR FERREIRA REIS
Presidente da AFBME

SILVIO DA SILVA FREITAS
Vice-Presidente da AFBME

HISTÓRICO DO BOI BUMBÁ MIRIM MINEIRINHO 2008

Em 12 de junho de 1976, na Rua Governador Leopoldo Neves, nº 456 – Centro, pela Senhora Leonor Freitas da Silva. No começo da brincadeira o “boi” era confeccionado numa cesta de cipó, o cifre era verdadeiro e tinha que ser bem amarrado para não cair, sendo que, o restante do corpo (a cesta de cipó) era encapado com pano de um guarda-chuva daqueles antigos todo preto.

Os tambores eram feitos das latas grandes e arredondadas de manteigas, amarrando com um barbante pequenos pedaços de couro, na parte marcada onde era para cortar a lata para tirar a manteiga que os comerciantes vendiam aos seus fregueses, já que não existiam as hastes de ferro, naquela época.

Todos esse trabalho era feito pelo filho de Dona Leonor, o Senhor João Bosco Freitas, já falecido, dona Leonor também já falecida, juntamente com os outro filhos, ficavam responsáveis pelas fantasias dos meninos e meninas, onde os saiotes, eram feitos de juta e pequenas sacas de fibra, neste época não existia os cavalinhos, somente as lanças, que eram feitas de papel e o único vestido era da porta-bandeira, era assim que se chamava a porta estandarte na época, confeccionado com um tipo de pano conhecido como “xita”, pois, era mais barato.

Naquele tempo, existia o padrinho do boi, que representava a Marinha Mercante do Brasil, o Senhor Pedro Gurgel da Silva,, no período de 1976 a 1979, a brincadeira era realizada nas ruas da cidade, quando alguém quisesse que o boi brincasse na frente de sua residência era só fazer uma fogueira, que todos se reuniam ao redor da mesma, divertindo aos demais moradores das adjacências.

Em certo horário era feito a fuga do boi, essa brincadeira, Dona Leonor, durante toda sua vida jamais deixou morrer esta manifestação folclórica, fazia sempre a alegria da garotada, agora permanece vivo pelas mãos de seus filhos, numa grande homenagem a sua genitora.

ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ MIRIM MINEIRINHO
A F B B M M

CNPJ Nº 84.102.193 / 0001 - 81

Fundada em 12 de Junho de 1976 – End. Rua gov. Leopoldo Neves, 456 - Centro

E que agora, temos a honra de dar prosseguimento a esse trabalho social, já que trabalhamos com crianças a qual sempre Dona Leonor se dispôs a ajudar, fosse como mães ou como ser humana.

No ano de 1976 a 1993 o Boi Bumba Mineirinho foi presidido pela Família Freitas, a partir de dezembro de 1993 assume o primeiro Presidente eleito do Boi Bumba Mirim Mineirinho, o Senhor Edison Freitas da Silva, preside o boi ate julho de 2005. Neste mesmo ano foi formada a nova diretoria do boi, e assume a Presidência o Senhor Sidiney Fortunato, que com apoio do Senhor Geraldo Medeiro cria Associação Boi Bumba Mirim Mineirinho, a partir de então foi Registrado no Cartório da Comarca de Parintins e em seguida o CNPJ.

No ano de 2007, na presidência da Associação Boi Bumba Mirim Mineirinho, sagra-se pela primeira vez Campeã do Festival de Boi Bumba Mirim, e no ano 2008 leva mas uma vez a esperança de se tornar Campeão com tema PARINTINS, UM RIO DE ARTE, onde contará a arte da crianças do centro da cidade.

ROTEIRO DE INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS PARA A INSCRIÇÃO NO REGISTRO DA CULTURA DO BOI BUMBÁ

1. Nome da Agremiação (Associação / Nome do Boi):
Endereço;
Telefones para contato (do representante).
2. Situação de legalidade da Agremiação (tem registro?)
3. Nome dos membros da Diretoria e seus cargos:
4. Grupos sociais envolvidos (qual bairro / média de idade de brincantes / situação econômica):
5. Onde e quando ocorre (bairro onde fazem os trabalhos e onde fazem as apresentações, em qual período):
6. De que forma ocorrem as apresentações (personagens, alegorias, tempo de apresentação):
7. Qual a origem das toadas, quem são os compositores?
8. Qual a origem dos artistas plásticos (são autôditas? Aprenderam com os outros Bois ou outras manifestações folclóricas?):
9. Quem financia?
10. Trabalham com o aproveitamento (resto de outras manifestações folclóricas, quais)?
11. Histórico:
 - a) Ano de Fundação:
 - b) Fundadores:
 - c) Qual o motivo da fundação do Boi?
 - d) Quais os principais fatos ocorridos ao longo dos anos?
 - e) Qual o tipo de parceria com o Festival Folclórico de Parintins?
 - f) Quais os principais problemas encontrados pelo Boi?

Folha De Respostas Da Associação Folclórica Boi Bumbá Miri Caprichoso

1 – R: Associação Folclórica Boi Bumbá Mini Caprichoso

Rua: Sila Marçal Nº4130, Itaúna I

Tel: (92) 9605-0651

2 – R: Sim

3 – R: Adriano Fonseca de Souza – Presidente

Valdir Tavares da Silva – Vice – Presidente

Aldenora Fonseca de Souza – 1ª Secretária

Darian Lobato de Souza – 2º Secretário

Kleise Maria Brandão Jacaúna – 1ª Tesoureira

Adriano Aguiar Padilha – 2º Tesoureiro

Euler de Oliveira Alfaia – Presidente do Conselho Fiscal

Willen Silva de Lima – Membro do Conselho Fiscal

Luiz Carlos Pinheiro Eleutério – Membro do Conselho Fiscal

4 – R: Jovens dos Bairros: Itaúna I e II, Paulo Corrêa e Palmares com idade de 05 a 25 anos.

5 – R: O galpão fica localizado no bairro de Itaúna I. As apresentações são realizadas em 03 noites atualmente no bumbódromo, no último final de semana do mês de agosto.

6 – R: Os personagens são os mesmos do boi grande, só que são feitos de bonecos, mas com os mesmos movimentos, somente a marujada, o apresentador, o levantador e o amo do boi são pessoas. As alegorias são em tamanho menor, que evoluem sobre uma mesa de compensado, o boi tem o tempo mínimo de 01h30minh e máximo de 01h45minh de apresentação.

7 – R: As toadas têm origem na cultura indígena, a vida cabocla e a riqueza da floresta. Os compositores na maioria são os próprios artistas do Boi Miri Caprichoso.

8 – R: Os artistas são estudantes de escolas públicas, somente alguns são ajudantes dos artistas do boi grande.

9 – R: A Secretaria de Cultura do Município e colaboradores do Mini Caprichoso, porque o recurso do município não é suficiente.

10 – R: O Mini Caprichoso recicla materiais de alegorias usados pelo boi grande.

11 – R:

- a) 08/07/1993.
- b) José Dílson de Souza e Silva; Márcio Lúcio Soares Moreira; Cláudio Silvino Matos da Luz; João Batista alfaia da Silva; José Cleomar Barros da Silva.
- c) Proporcionar a valorização dos jovens do bairro, a fim de afastá-los da marginalidade.
- d) Devido à falta de estrutura alguns incêndios ocorreram destruindo o trabalho dos artistas, a chuva também é outro fator.
- e) A doação de materiais e o reconhecimento do trabalho, a cada ano que cresce.
- f) A falta de um galpão próprio haja vista que o prédio que utilizamos é alugado, e não oferece condições para o trabalho, além da falta de segurança. A falta de apoio das autoridades que não acreditam no trabalho que desenvolvemos.

**ROTEIRO DE INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS PARA A INSCRIÇÃO NO
REGISTRO DA CULTURA DO BOI BUMBÁ**

1. Nome da Agremiação.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BOI BUMBÁ MINI GARANTIDO
Endereço: Rua Paraíso, 1380 – Dejard Vieira CEP 69.152-500 Parintins - AM
Fone: 91116019

2. Situação de legalidade da agremiação.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BOI BUMBÁ MINI GARANTIDO
CNPJ Nº 07.869.066/001-61
CARTÓRIO DO 3ª OFÍCIO DE REGISTRO DE TÍTULO PÚBLICO, LIVRO B-
01/A Nº 01605

3. Nomes dos membros da Diretoria em seus cargos:

Presidente: Jorge Bruno Lopes Simas Monteiro
Vice Presidente: Francijaner Matos
Secretaria: Franciane
Vice Secretaria: Luzia
Tesoureiro: Wesley
Vice Tesoureiro: Julio Cezar Simas
Suplente: Renato Travassos

4. Grupos sociais envolvidos:

Moradores do bairro Dejard Vieira, a maioria são jovens de 11 a 24 anos que fazem parte da brincadeira, são pessoas de classe baixa e encontram

5. Onde e quando ocorre:

Antes as apresentações eram feitas no fundo de quintal das casas das crianças no bairro Dejard Vieira, com o passar da brincadeira foi se acrescentando mais objetos de apresentação e a ampliação das mini alegorias e com isso passou a ser apresentado na quadra de esportes do Conjunto Residencial João Novo bloco I, até ai as minis alegorias eram confeccionadas nos quintais de casa dos brincantes e a três anos esta acontecendo no Centro de Eventos "Bumbódromo" que agora a brincadeira esta criando novas dimensões requer novos espaços e nesse ano de 2007 o Mini Garantido esta alojado na casa da Cultura que se encontra abandonada, isso como meio de reivindicação para com a cultura de Parintins que não são valorizada.

6. De que forma ocorre as apresentações:

São feitas as Minis Alegoria de acordo com cada agremiação tendo no Máximo 1,50 (um metro e meio) de altura sem evolução, as pessoas humanas são Apresentador, Levantador de toadas, Batucada ou Marujada e Amo do Boi os de, mas são feito de bonecas como: Pajé, Vaqueirada, Sinhá Sinhá, Porta estandarte e Cunha Poranga. O tempo de apresentação é de no mínimo 1:30 (uma hora e meia) e no máximo 1:45 (uma hora e quarenta e cinco minutos).

7. Qual a origem das toadas:

No início eram toadas dos Bois Garantido e Caprichoso, desde 2003 o Mini Garantido vem trazendo as suas próprias toadas, são compositores a maioria do bairro Dejard Vieira, e todos são amadores, são feitas seletivas de toadas passava as que mais se encaixavam no tema de cada ano.

8. Qual a origem dos artistas plásticos.

Esses artistas do mini Garantido, não tiveram aula de Artes Plásticas e nem de Expressão Visual, todos eles aprenderam com a sua imaginação de poder criar réplicas dos bois grandes que são Garantido e Caprichoso e muitos deles já estão tendo espaços nos boi grandes.

9. Quem financiava.

No início eram só os brincante, que coletavam restos de matérias dos bois grandes passando daí os pais dos brincantes simpatizantes de outras localidade da cidade, tendo a 03 anos a prefeitura de Parintins e 01 ano com a SEC (Secretária do Estado e Cultura) e no ano de 2007 só a prefeitura de Parintins no momento.

10. Trabalham com o aproveitamento;

Restos de matérias dos bois grandes como sobras de ferro, tintas, isopor, saca fibrada e adereços.

11. Histórico:

a) Ano de Fundação:

O Mini Garantido tem a sua história marcada na cidade de Parintins no ano de 1990 os irmãos Francijaner Matos, com 05 anos, Francijuner Matos, com 07 anos, juntamente com seus primos os irmãos Odilson da Silva Carmo, Juliano e outros irmãos. No dia 06 de julho resolveram iniciar a brincadeira, sendo que os mesmos começaram a fazer as réplicas não tão perfeitas para compensar o grande vazio que toda essa euforia deixara em suas vidas.

Suas criações eram confeccionadas com recursos naturais como flores, folhas, penas e outros materiais que os bois utilizavam em suas apresentações no Bumbódromo. Eram usadas caixas de fósforo para fazer diversas estruturas, como alegorias, tribos, itens como a sinhazinha e outros itens

existentes no Mini festival. A cunha poranga, pajé, porta estandarte e rainha do folclore eram apresentados por uma pena em pé quando uma pena era deitada representava uma tribo. A batucada era feita por latas que embalavam o ritmo da brincadeira. O boizinho era feito da carteira de cigarros com a cabeça de boi desenhada e colada na tampa da caixa. Um boizinho era diferenciado um do outro pela barra vermelha ou azul que continha na estrutura na carteira de cigarro. A casa de dona Maria Olendina da Silva, avó dos fundadores, situada no bairro de S. Benedito, na Rua Armando Prado, no local das pequenas apresentações. No ano de 1993, os irmãos Francijaner Matos e Francijuner Matos tiveram que ir para a cidade de Manaus morar com sua mãe, Maria de Fátima Matos da Silva. Em Manaus a brincadeira continuou durante quatro anos.

No ano de 1997, retornaram à cidade de Parintins, já para a casa de seu pai, Francisco Martins da Silva, que mora no bairro Djard Vieira, mantendo a brincadeira, onde Francijaner e Francijuner faziam o Garantido e o seu irmão Francinalvo fazia o mini contrário. A brincadeira começou a evoluir, as alegorias, tribos e capacetes e outros itens, tomaram a forma da atual brincadeira. Nesse período as alegorias não tinham movimento. Somente aparições. A partir do ano de 2000, o nome “mini”, passa a marcar o tipo de brincadeira e a denominação “Mini-Festival”, havendo a divisão em Mini-Garantido e Mini-Contrário. O Mini-Garantido representaria o bairro de Djard Vieira e o Itauna I o Mini Contrário. A disputa seria aceita com algumas condições: que eles tinham que ter levantador, amo do boi e batucada.

b) Fundadores;

| | |
|------------------------------------|--------------------------------|
| 1- Alberto Amaia de Souza | 25- Joilton Alencar Nascimento |
| 2- Aldanice Cristina Pessoa Garcia | 26- Jonailson Melo Cardoso |
| 3- Anderson da Costa Batista | 27- Jonas Melo Cardoso |
| 4- Bruno Passos Guimarães | 28- Jorge Bruno Lopes Simas |
| 5- Caetano de Souza Mendonça | Monteiro |
| 6- Clodoaldo Ferreira de Oliveira | 29- Josiney Batalha da Silva |
| 7- Darciso Brito da Silva | 30- Julio César Fonseca Simas |

| | |
|----------------------------------|--|
| 8- Ediney Costa Pontes | 31- kleandry Oliveira de Souza |
| 9- Edriane Gabriele S. Reis | 32- Marcelo Alves de Paiva |
| 10- Edriele Monalisa S. Reis | 33- Odilson da Silva Carmo |
| 11- Edson Correa da Silva | 34- Pedro de Jesus Reis Gloria |
| 12- Elielda Ribeiro Tavassos | 35- Raimundo Brito da Silva |
| 13- Fernanda de Souza Góes | 36- Raimundo Santarém dos Santos |
| 14- Francijaner Matos da Silva | 37- Renato Tavassos de Carvalho |
| 15- Francijuner Matos da Silva | 38- Rodrigo de Oliveira |
| 16- Francinalvo Matos da Silva | 39- Rogério Julio Fonseca Simas |
| 17- Francisco Raniskley Moraes | 40- Sâmia Cristina dos Santos Gloria |
| 18- Heliandro Farias Canto | 41- Sandra dos Santos Gloria |
| 19- Herica Passos Guimarães | 42- Sandro dos Santos Gloria |
| 20- Iranilson Pereira Martins | 43- Sebastião José da Silva Guimarães |
| 21- Janice Melo Cardoso | 44- Thiago Reis de Paulo |
| 22- João Batista Correa da Silva | 45- Wallace de Farias Simas |
| 23- João Pedro dos Santos Gloria | 46- Wenderson Costa Pontes |
| 24- João Pedro Paes de Oliveira/ | 47- Wesley Oliveira da Silva |
| | 48- Willian Oliveira da Costa |

c) Qual o motivo da fundação do boi?

d) Quais os principais fatos ocorridos ao longo dos anos?

Teve e há muita dificuldade para se condicionar as minis alegorias, várias datas de apresentação foram prorrogada, brigas entre as Associações Mini

Garantido e a do Mini Caprichoso por causa do resultado da apuração das notas que não foi aceite pelo Mini Garantido.

e) Qual o tipo de parceria com o Festival Folclórico de Parintins?

Nenhuma.

f) Quais os principais problemas encontrados pelo boi?

Mais empenho das autoridades, falta recursos, um local para a Cede para as confecções das Minis alegorias.

Referências documentais e bibliográficas

- ABREU, Martha. **Festas, tradições populares e identidade nacional**. Em S. Chaloub e L. M. Pereira (orgs.), *A história contada*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 171-93. 1998.
- ALVARENGA, Oneyda. **Amazônia das Alucinações: tema da noite de 30 de junho de 1999**. Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso. Parintins, pp.6. Mimeo.
- ANDRADE, Mário de Andrade. **As danças dramáticas do Brasil**. In: _____ *Danças Dramáticas do Brasil*. 2ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1982. v.1, p. 23-84.
- ANDRADE, Odinéia. **Amazônia virou mundo. Parintins é o meu país**. Programa da festa de Nossa Senhora do Carmo. Parintins, 1996.
- ASSAYAG, Simão. **Boi-Bumbá: festas, andanças, luz e pajelanças**. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.
- ASSAYAG, Simão. **Caprichoso- o Boi de Parintins**. Manaus: Novo Tempo LTDA, 1997, pp.1-90.
- ASSAYAG, Simão. **Slogan de 1998: Caprichoso, 85 anos de cultura**. Parintins, Associação Folclórica Boi-Bumbá caprichoso, p.1. Impresso.
- BETTS, La Vera. **Dicionário Parintintín- português, português – parintintín**. Brasília, Summer Institute of Linguistics, pp.1-281, 1981.
- BITTENCOURT, Antonio C.R. **Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material**. Manaus: Livraria Palais Royal, 1924.
- BORDALLO DA SILVA, Armando. **Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona bragantina**. Belém, Funarte/Fundação Cultural de Bragança/Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, 1981.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Festival Folclórico de Parintins: a arte musical do brincar de boi-bumbá na Ilha Tupinambarana**. *Revista da Universidade do Amazonas*, série: Ciências Humanas, v.1, n.1, jan/jun. 1991, p.43-61.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Fundação Nacional de Arte-Funarte/ Universidade do Amazonas: Manaus, 2002.

- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Pensando em Brincar de Boi.** *Jornal Amazonas em Tempo.* Caderno de cultura, domingo, 12 de maio de 1991, p.4.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 4ªed., 1976.
- DÉMONTEVERDE; MONTEVERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo.** Manaus: Edições: Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado e Cultura/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, Universidade do Estado do Amazonas, 2003.
- Estudo Econômico do XXXII Festival Folclórico de Parintins.** Empresa Amazonense de Turismo (EMANTUR). Manaus, pp.1-25. 1997.
- FERNADES, Florestan. **A organização social dos Tupinambás.** São Paulo: Editora Hucitec; Brasília: Editora da UNB, pp.1-325. 1989.
- Festival Folclórico de Parintins 1989.** Estudo & Pesquisas – Empresa Jornal do Comércio Ltda. Manaus, nº1, pp.1-16. 1989.
- GALVÃO, Eduardo. **Boi-Bumbá: versão do Baixo Amazonas.** Anhembi, São Paulo, v.3, n.8, p.275-291, 1951.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **O Boi de Parintins: uma dramaturgia das paixões ou a fogueira do imaginário.** In: ____ *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário.* Belém: Cejup, 1995. p.346-379.
- MENEZES, Bruno de. **Boi-Bumbá: auto popular.** Belém: Imprensa Oficial, 1972.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Boi Bumbá: História, análise fundamental e juízo crítico.** Manaus: Edição do autor, 2004.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Carros & carroças de Bois.** Ilustrado. Manaus. (edição da União Brasileira de Escritores – seção do Amazonas), 1982.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Danças Amazônicas (Arara e Desfeiteira).** Ilustrado. Manaus. Entre e legenda e o conceito. *Revista da Academia Amazonense de Letras,* Manaus, nº4, dezembro.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Danças dramáticas.** Ilustrado. Manaus (série turismo), 1972.

- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Danças Folclóricas Singulares do Amazonas**, em parceria com Marita Socorro Monteiro ilustrado, edição Livronal, Manaus, 1979.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Folclore Amazônico**. Coleção Documentos da Amazônia nº 46. Edições Governo do Amazonas, Manaus, 2001.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Folclore: danças dramáticas**. Manaus: Emantur, 1972.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Introdução à história dos Carros de bois do Amazonas**. Manaus: (edição mimeografada), 1945.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Livronal**. Manaus: Jorge Tufic Ed., sem data.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro do Folclore Amazônico**. Ilustrado. Manaus. 2º tomo, 1974.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. **O boi de Parintins: uma dramaturgia das paixões ou a fogueira do imaginário**. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém, Centro de Estudos Jurídicos do Pará/Cejup, pp. 346-79. 1995.
- REIS, Arthur Cezar. **As Origens de Parintins**. Manaus: Governo do Estado, 1967.
- REIS, Arthur Cezar. **História do Amazonas**. Manaus, Oficina Tipográfica de A. Reis. 1931.
- SALLES, Vicente. **O Boi-Bumbá no ciclo junino**. Brasil açucareiro, Rio de Janeiro. nº38, p.27-33, jun. 1970.
- SAUNIER, Tonzinho. **O magnífico folclore de Parintins**. Parintins, Edições Parintintin, Governo do Estado do Amazonas , pp. 1-63. 1989.
- SAUNIER, Tonzinho. **O maravilhoso folclore de Parintins**. Parintins, 1994.
- SILVA, José Maria. **O Espetáculo do Boi-Bumbá: folclore, turismo e as múltiplas alteridades em Parintins**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília/ Departamento de Antropologia. 2001
- TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Garantido e Caprichoso: os deslumbrantes bois-bumbás de Parintins**. Boletim da Associação de Antropologia , (São Paulo), nº. 16, 1994.
- TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Garantido e Caprichoso: os deslumbrantes Bois-bumbás de Parintins**. *Boletim nº 16*, Associação Brasileira de Antropologia, 1994.

VALENTIN, Andréas & CUNHA, Paulo José. **Caprichoso: a Terra é Azul**. Manaus, A. Valentin, pp.1-248. 1999.

VALENTIN, Andréas & CUNHA, Paulo José. **Vermelho: um pessoal garantido**. Manaus, A. Valentin, pp.186. 1998.

VIEIRA FILHO, R.D. A festa de boi-bumbá em Parintins: Tradição e identidade cultural. **Somanlu**, Revista de Estudos Amazônicos, Manaus, ano II, v. 2, p.27-33, 2002. (Edição especial).